

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

DAMIAN JOSÉ KRAUS

VIDA HIFENIZADA

Traduzibilidade como exercício de individuação

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Doutor Luiz BL Orlandi

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**SÃO PAULO
2008
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

DAMIAN JOSÉ KRAUS

VIDA HIFENIZADA
Traduzibilidade como exercício de individuação

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

BANCA EXAMINADORA

**SÃO PAULO
2008**

A Lu Martins

Companheira, musa, paixão...

Agradecimentos

Ao CNPq e à Capes, pelo apoio financeiro à pesquisa.

A Luiz B. L. Orlandi, orientador e amigo. Com ele aprendi a vivenciar eternidades instantâneas, e como as intensidades que delas emanam podem ganhar corpo naquele segundo momento do ensinar que evocava Barthes cujo nome é *pesquisa*.

A Lu Martins - inspiração, amizade, inteligência-afeto, força, amor, sorriso, olhar – fluxo lampejante de paisagens e cores ao longo 2007, 2008...

A Suely Rolnik, Rogério da Costa, Graciela Foglia e Alexandre Henz, integrantes da banca.

A Margareth Chillemi, amiga de afinidades clínicas. Generosamente me ouviu e agregou uma atenta leitura e sugestões valiosas.

Aos amigos: Annita, Mariel V., Cíntia, Édio, Kátia, Adriana, Rafa, Alexandre (textos, traduções de Tomaz Tadeu), Breno F., Caio Graco, Guilherme, Roberto, Marta, Mariel Z, Luciene, Fabiana, Valéria, Marcelo, Rosa, Julia, Manoela, Silvio, Alberto, Fábio, Tatiana, Peter, Josi, Kekei, Breno, Michele, Ciça, Cristina, Álvaro, Lorene, Mustafá, Nelson, Bel, Patty, Edu, Patrícia, Antonio, Marcelo, Paulo, Betty, Sergio, Vanessa, Beth, Ariel, Miguel, Fabiane, DF, HH, Carlos, Abrahão, Flavia ...

Resumo

Esta tese visa delimitar um *problema da traduzibilidade*, como exercício de *individuação*, a partir desse conceito situável na obra de Deleuze & Guattari, em particular, em *Mille Plateaux*.

Tal traduzibilidade está localizada pragmaticamente no entre-lugar das línguas portuguesa e castelhana – uma tensão de *línguas siamesas*.

A tese se compõe, em primeiro lugar, de uma Introdução temática, com o acréscimo de uma primeira aproximação a modo de pequenos Ensaios.

Posteriormente, desenrola-se em três blocos ou devires:

O primeiro bloco destaca a intensificação desse encontro de línguas siamesas, donde emerge o que se designa como *língua pura*.

O segundo bloco é um exercício de intervenção investigativa nesse encontro, que se propõe como *exercício de individuação*.

No terceiro bloco, aponta-se para a intensidade emanada de tal exercício, como procedimento de um pensamento nômade.

Cabe esclarecer sucintamente que se conectará esta tese à noção de *estado de tradução*, construída pelo autor na dissertação de mestrado, que forneceu elementos teóricos e metodológicos para desenvolver este trabalho.

Abstract

This thesis intends to outline a *problem of translatability* as an exercise of *individuation* based on the concept found in the works by Deleuze & Guattari, particularly, the book *Mille Plateaux*.

This translatability is pragmatically located in the in-between of the Spanish and Portuguese languages – a tension of *siamese tongues*.

This work is composed, first of all, of a thematic Introduction, with the addition of a preliminary approach in the manner of short Essays. Subsequently, it unfolds through three blocks: the first block highlights the intensification of this convergence of sister languages, from where the denominated *pure language* emerges.

The second block is an exercise of investigative intervention in this convergence, which is proposed as *exercise of individuation*.

The third block is geared to the intensity that comes from such exercise, as a procedure of nomadic thought.

It is important to mention that this thesis will be linked to the notion of *state of translation*, elaborated by the author in his master's thesis, which has provided theoretical and methodological elements for the development of this work.

Resumen

Esta tesis apunta a delimitar un *problema de la traducibilidad* como ejercicio de *individuación*, a partir de ese concepto localizable en la obra de Deleuze & Guattari, en particular, en *Mille Plateaux*.

Dicha traducibilidad se ubica pragmáticamente en el entrelugar de las lenguas portuguesa y castellana – una tensión de *lenguas siamesas*.

La tesis está compuesta en primer lugar por una Introducción temática, con el agregado de un primer acercamiento, a la manera de pequeños Ensayos.

Posteriormente se despliega en tres bloques o devenires:

El primer bloque destaca la intensificación de ese encuentro de lenguas siamesas, de donde emerge lo que se designa como *lengua pura*.

El segundo bloque es un ejercicio de intervención investigativa en ese encuentro, que se plantea como ejercicio de individuación.

En el tercer bloque se apunta hacia una intensidad que emana de tal ejercicio, como procedimiento de un pensamiento nómada.

Cabe aclarar sucintamente que se conectará esta tesis a la noción de *estado de traducción* que el autor elaboró en su tesina de maestría, que le suministró elementos teóricos y metodológicos para desarrollar este trabajo.

Sumário

Apresentação	9
Introdução	13
- Discussão temática e bibliográfica	17
- Metodologia	25
Ensaio I	27
<i>Sobre um devir respirável da língua</i>	
- Domicílios da matéria intensiva	30
- Regiões de intensidade	32
Ensaio II	35
<i>Escrevendo vozes dantes</i>	
- Por que dantes?	35
- Das coordenadas do problema	37
Bloco I - À busca da língua pura	46
- O problema em seu justo lugar	51
- Recapitulando	56
Bloco II - A liquefação do eu	59
- A fórmula	75
- Eu som	76
- Eu são	79
- Discurso indireto livre – agenciamento coletivo de enunciação	82
- Trans-versão – Dos sinais do mundo aos signos	82
Bloco III - O devir intenso da viagem	85
- Uma viagem singularmente plural	89
- Recapitulando	92
- Provisórias conclusões	100
- Bibliografia	108
- Anexos	121

APRESENTAÇÃO

Apresentação

Se o devir é um bloco (bloco-linha), é porque ele constitui uma zona de vizinhança e de indiscernibilidade, um *no man's land*, uma relação não localizável arrastando os dois pontos distantes ou contíguos, levando um para a vizinhança do outro, — e a vizinhança-fronteira é tão indiferente à contigüidade quanto à distância. Na linha ou bloco do devir que une a vespa e a orquídea produz-se como que uma desterritorialização, da vespa enquanto ela se torna uma peça liberada do aparelho de reprodução da orquídea, mas também da orquídea enquanto ela se torna objeto de um orgasmo da própria vespa liberada de sua reprodução. Coexistência de dois movimentos assimétricos que fazem bloco numa linha de fuga onde se precipita a pressão seletiva. A linha, ou o bloco, não liga a vespa e a orquídea, como tampouco as conjuga ou as mistura: ela passa entre as duas, levando-as para uma vizinhança comum onde desaparece a discernibilidade dos pontos. O sistema-linha (ou bloco) do devir opõe-se ao sistema-ponto da memória. O devir é um movimento pelo qual a linha libera-se do ponto, e torna os pontos indiscerníveis: rizoma, o oposto da arborescência, livrar-se da arborescência. *O devir é uma anti-memória.*¹

Por ocasião da defesa do meu mestrado, dois interrogantes foram apontados quanto à noção que inventei de *estado de tradução*.

Apoiada nas séries de ressonâncias que naquele escrito se efetuam entre a tarefa do tradutor e a clínica, uma pergunta

¹ DELEUZE & GUATTARI, 1997, v 4, p. 92 [342].

que se colocava era se esses dois lugares não estariam, precisamente, situados numa disparidade essencial: de um lado, a clínica, de outro, a tradução.

Por outra parte, e dada a forte pregnância da noção de movimento implicada no ato de traduzir, quer dizer, de provisório transporte de uma língua de partida a uma língua de chegada, surgia a pergunta sobre o *peso* do passado no presente criado do texto traduzido. A pergunta vinha carregada de uma provocação: a noção de intensidade, não libertaria o tradutor desse *peso* da fidelidade ao texto original? Uma questão que era já vislumbrada pelo jovem Jorge Luis Borges, em 1926², quando designava em forma ousada ao autor, desde sua função de tradutor, como “o escritor anterior”.

A pertinência desses interrogantes se tecia na essência própria do meu escrito, e por uma questão principal: havia um relevo na localização do *estado de tradução* como modalidade de produção de subjetividade no contemporâneo, o que o deixava numa forte ambigüidade o relativo à sua localização precisa: estaria esse estado-metaestável do lado de um mundo de fluxos os mais variados, ou estaria como que inserido naquele que traduz esse mundo e seus sinais, recados e signos, que produz sua decifração em outros signos?

Agora, esta tese intitulada *Vida hifenizada* procura, senão responder, pelo menos alastrar essas questões com

² *Las dos maneras de traducir*. In: *Jornal La Prensa*, 2° Cad. Buenos Aires, 01/08/1926, p. 4.

algumas outras, inovadoras, que se referem a esse estado agora chamado de *traduzibilidade* como *processo de individuação*.

Há um caráter de evidente inacabamento neste trabalho. Provisoriedade que responde sim - num nível molar - a questões de ordem institucional, de datas-limites e limites existenciais do autor.

Entretanto, há um incacabamento num outro nível, molecular, seguindo a Deleuze e Guattari. Este se coloca no estilo de sua construção, e começa na Introdução, com uma aproximação temática e uns primeiros ensaios ou tateamentos do problema colocado desde aquelas perguntas. Mas surge com uma precisão temática e singularidade maior naqueles momentos que chamei *blocos*. É neles que se dirime dramaticamente essa interrogação sobre o local do ato de traduzir, *ato em movimento*, ato de transpassagem, ato sem fim, onde surge essa hifenização vital numa funcionalidade outra, não designando apenas os lados das duas *línguas siamesas* que se colocam em jogo aqui, em recíproca afetação.

O hífen é o local desse movimento – vinco intensificador, arco voltaico desse *estado de traduzibilidade* que fulgura em três blocos, em três registros de conectividades em individuação, três devires para dizer essa intensidade que se vive e se dirime nesse barquinho de terceira margem – o *agenciamento-tradutor*.

INTRODUÇÃO

Introdução

(...) *O indivíduo vivo é sistema de individuação, sistema individuante e sistema individuando-se*; a ressonância interna e a tradução da relação consigo próprio em informação estão neste sistema do vivo (...) O indivíduo vivo é contemporâneo de si próprio em todos os seus elementos, o que não ocorre com o indivíduo físico, que contém um passado radicalmente passado, mesmo quando ainda está crescendo. O vivo é, em seu próprio interior, um núcleo de comunicação informativa: ele é sistema em um sistema, que comporta em *si mesmo* mediação entre duas ordens de grandeza.³

Este tese visa exprimir continuidades à pesquisa de mestrado, intitulada *O Estado de Tradução – Uma Clínica dos Domicílios Vibráteis*⁴. Fundamentalmente, no desenvolvimento de conexões entre alguns fenômenos da subjetividade contemporânea (uso de novas tecnologias de rede, eclosão de

³ SIMONDON, 2003, p. 105. In: *A gênese do indivíduo*, CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. *O reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.

⁴ KRAUS, 2002 *Dissertação de mestrado*, Psicologia Clínica, PUC-SP, 2002. Disponível on-line. In: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/dkraus.pdf> Esse trabalho visou conceituar um *estado de tradução* como modalidade de produção da subjetividade no contemporâneo. Na Parte I, tratou-se do território no qual se configura essa manifestação subjetiva, e de uma função clínica saneadora da escrita, num cenário marcado pela atividade hipertextual. Na Parte II, se abordou o *estado de tradução* como um *domicílio vibrátil*, isto é, um domicílio que pode vibrar situável *entre* duas línguas, mas também, num *entre-lugar* mais amplo, incluindo outras formas de produção de signos. Já em Apêndice, procurou-se reunir elementos conjecturais para uma teoria da traduzibilidade múltipla.

dispositivos comunicacionais etc.) apresentados nessa pesquisa, e uma noção de *estado de traduzibilidade* que, intuitivos, poderia encontrar ressonâncias na obra de Deleuze & Guattari.

Como movimento de um novo e transitório início, e à maneira de apresentação ficcional da problemática a ser abordada, evoca-se o campo da comunicação e suas implicações hoje.

A comunicação no contemporâneo, pela irrupção maciça de elementos tecnológicos nela imbricados, eclode em mediações das mais variadas. Isso ocorre na comunicação entre pessoas, mas também entre pessoas e acontecimentos, entre pessoas e objetos e, ainda, entre uma pessoa e ela mesma. Em todos esses circuitos intromete-se cada vez mais um conjunto de dispositivos comunicacionais produzidos em *poucos* centros empiricamente exteriores a eles.

Outra implicação, decorrente da anterior, surge de uma certa diferença que se observa entre a velocidade do surgimento de mediações tecnológicas (dispositivos comunicacionais) e do funcionamento de suportes da comunicação (circuitos).

Os dispositivos comunicacionais são tão rapidamente postos à disposição desses circuitos, que estes (pessoas, objetos e acontecimentos), se vêem contrariados com a inevitável lentidão do seu modo artesanal de funcionamento. Uma espécie de desnível abrupto, salto ou impasse que se

ressalta aqui, enquanto passível de intervenção clínica ou problematizadora.

Em vista desse impasse anteriormente evocado ao qual fica submetida qualquer intervenção problematizadora desse campo – pois parece necessária em princípio uma expansão sensorial⁵ para captar os *signos a serem decifrados*⁶ –, visa-se então, a um alargamento da interrogação: o que se passa nesse território comunicacional em suas variações, variabilidades, fugas e territorializações, em relação aos registros lingüísticos que lhe dão suporte⁷.

⁵ BHABHA, 2001, p. 299: “Nesse encontro com a dialética global do irrepresentável, há uma injunção subjacente, protética, ‘algo como uma necessidade imperiosa de desenvolver novos órgãos, de expandir nosso sistema sensorio e nosso corpo em direção a dimensões novas, ainda inimagináveis, talvez até impossíveis’”. Ecoando a fala de JAMESON, In: *Postmodernism Or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991.

⁶ DELEUZE, 1987, p. 4. V. Tb. p. 6: “Mas a pluralidade dos mundos consiste no fato de que estes signos não são do mesmo tipo, não aparecem da mesma maneira, não podem ser decifrados do mesmo modo, não mantêm com o seu sentido uma relação idêntica”.

⁷ Tentando assim pensar a comunicação mais nos termos da *informação* em SIMONDON, G., 2000, pp. 109-115: “uma informação nunca é relativa a uma realidade única e homogênea, mas a duas ordens em estado de *disparation*: a informação, quer ao nível da unidade tropística, quer ao nível do transindividual, jamais é depositada em uma forma que pode ser dada: ela é a tensão entre dois reais díspares, a *significação que surgirá quando uma operação de individuação descobrir a dimensão segundo a qual dois reais díspares podem devir sistema* (...) A noção de forma deve ser substituída pela de informação, a qual supõe a existência de um sistema em estado de equilíbrio metaestável podendo individuar-se; a informação, à diferença da forma, jamais é um termo único, mas a significação que surge de uma “disparation”. Cf: “a transmissão de uma alteridade viva, portadora de um poder de *infiltração* e *contágio* (...) Esta ‘comunicação intensiva’ é todo o contrário daquilo que se entende e pratica hoje em dia como comunicação (...) a transmissão de uma representação *a priori* do outro que (...) o confina num lugar identitário e neutraliza toda e qualquer potência de *contaminação disruptiva*”. (*Grifo meu*. In: ROLNIK, 2003.)

Discussão temática e bibliográfica

Deleuze & Guattari – respondendo a uma pergunta que eles próprios se colocaram⁸ –, propõem uma idéia de como poderia ser concebido um tipo de variação contínua inerente a uma língua e aos modos em que o verbo, a ação e a experiência se exprimem nela:

Em um mesmo dia, um indivíduo passa constantemente de uma língua a outra. Sucessivamente, falará como “um pai deve fazê-lo”, depois como um patrão; com a amada, falará uma língua infantilizada; dormindo, mergulha em um discurso onírico, e bruscamente volta a uma língua profissional quando o telefone toca⁹.

Essa idéia de ação exprimida numa variação contínua sobre a língua, se conecta à de traduzibilidade, que indica um possível circuito de conexão entre o campo da palavra e ecos de vozes ou, ainda, de sons, de ritmos e de visões, que não necessariamente se exprimem através das palavras.

⁸ DELEUZE & GUATTARI, 1997, vol. 2, p. 36 [98] “(...) Como conceber essa variação contínua que trabalha, de dentro, uma língua, mesmo se devemos sair dos limites aos quais se fixa Labov, e das condições de cientificidade que a lingüística invoca?”

⁹ Idem.

Acompanhando a idéia de tradução como um *modo de intentar*¹⁰, como uma maneira de exprimir intensidades que chegam de *outro* plano, de outro campo que foge (também como *continuum*), podemos percorrer algumas dessas possibilidades de encontros entre a palavra e, por assim dizer, aquilo que é da ordem do extra-palavra.

Deleuze & Guattari afirmam que a linguagem é um mapa e não um decalque¹¹; isso significa que a linguagem, como *uma* escrita (domiciliar, singular), pode ser pensada seguindo a conceituação dos sistemas a-centrados:

...redes de autômatos infinitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central. Uma transdução de estados intensivos é o que substitui a topologia...¹²

Deleuze & Guattari utilizam essa noção de transdução em diferentes momentos para definir os sistemas a-centrados ou aquilo que eles denominam o *vivo*:

¹⁰ SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 89.

¹¹ DELEUZE & GUATTARI, 1995, vol. 2, p. 14.

¹² DELEUZE & GUATTARI, 1995, vol. 1, p. 27.

Assim, o vivo tem um meio exterior que remete aos materiais; um meio interior que remete aos elementos componentes e substâncias compostas; um meio intermediário que remete às membranas e limites; um meio anexado que remete às fontes de energia e às percepções-ações. Cada meio é codificado, definindo-se um código pela repetição periódica; mas cada código é um estado perpétuo de transcodificação ou de transdução. A transcodificação ou transdução é a maneira pela qual um meio serve de base para um outro ou, ao contrário, se estabelece sobre um outro, se dissipa ou se constitui no outro.¹³

Os transdutores são, em ciência, instrumentos físicos que transformam, por assim dizer, um sinal ou um comando em um outro e de diferente natureza, possibilitando assim, serem pensados a partir dos elementos básicos da matéria¹⁴.

E caracterizaremos assim o vivo acompanhando a noções de individuação e metaestabilidade como propostas por Simondon:

¹³ DELEUZE & GUATTARI, 1997, Vol. 4, p. 118.

¹⁴ Revista *Pesquisa FAPESP*, 2001, n 61, p. 44: “Uma analogia para um detector de ressonância são as bolas infláveis de aniversário. Uma pessoa que ponha as mãos sobre uma superfície pode sentir as vibrações – que são deformações no ar – produzidas por uma fonte como música em alto volume”. Os detectores de ressonância são usados para captar ondas gravitacionais. As ondas gravitacionais implicam a ondulação do espaço-tempo no Universo, idéia que dá sustento à teoria das supercordas: “A teoria das supercordas sustenta que os constituintes básicos da matéria, os *quarks*, nascem da vibração de cordas infinitamente pequenas – os tijolos básicos do mundo, gerados como as notas produzidas pela vibração das cordas de um piano. Da combinação de vários quarks são construídos os prótons e nêutrons, partículas que formam o núcleo atômico e, envoltas por camadas de elétrons, compõem o mundo conhecido”. [Disponível on-line: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=1191&bd=1&pg=1&lg=>]

A mesma noção de metaestabilidade pode ser utilizada no domínio do vivo para caracterizar a individuação: a individuação não se produz como um domínio físico, apenas de maneira instantânea, quântica, brusca e definitiva, deixando atrás de si a dualidade meio e indivíduo, o meio sendo empobrecido do indivíduo que não é, e o indivíduo não tendo mais a dimensão do meio. Sem dúvida, tal individuação existe também para o vivo como origem absoluta, mas é acompanhada de uma individuação perpétua que é a própria vida, conforme o modelo fundamental do devir: o vivo conserva em si uma atividade de individuação permanente, ele não é só resultado de individuação, como o cristal ou a molécula, mas teatro de individuação. A atividade do vivo também não está, como a do indivíduo físico, toda concentrada em seu limite; há nele um regime mais completo de ressonância interna, que exige comunicação permanente e mantém uma estabilidade que é condição de vida.

Ao definir o vivo a partir da ação da transdução, da metaestabilidade e sua ação ressoante, ou como *matéria vibrátil viva*¹⁵, tal definição pode ser reutilizada para pensar os constituintes de uma matéria-linguagem.

Essa matéria, neste caso, matéria de linguagem, funcionaria basicamente, através de transduções de micro-códigos, uma espécie de *lastros ou conectores*¹⁶ *intensivos* que permitem, mediante ações vibracionais, a ação transcodificacional envolvida

¹⁵ Seguindo o conceito de *corpo vibrátil* de Suely Rolnik: “o corpo vibrátil é a potência que tem nosso corpo de vibrar a música do mundo... Nossa consistência subjetiva é feita desta composição sensível, criando-se e recriando-se impulsionada pelos pedaços de mundo que nos afetam. O corpo vibrátil, portanto, é aquilo que em nós é dentro e o fora ao mesmo tempo...”. (ROLNIK. 1999, p. 27)

¹⁶ DELEUZE & GUATTARI, 2001, pp. 93-104.

na ordem das transformações intensivas enquanto *continuum* de variabilidade¹⁷.

Em um outro plano, *magmático* ou microscópico, podem ser encontradas ressonâncias do caráter não comunicativo e não arbitrário das palavras, situando um campo da palavra enquanto povoado de intensidades (mais que de significados), com remissões de variabilidade contínua de movimento, onde interessam as posições transitórias enquanto domicílios singulares da variabilidade subjetiva.

Entendido sob essa perspectiva, o conceito de *traduzibilidade*, para abordar um problema, ganharia corpo de multiplicidade. Isto é, sinalizaria *regiões* de intensidade, com seus correspondentes graus ou limiares de atualização, constituindo *regiões de sentidos*; ou, como sugere Orlandi:

As multiplicidades são parcialmente atualizadas nos pontos de aplicação empíricos desses agenciamentos, mas não perdem aí sua inerente processualidade, pois são devires por serem “estritamente inseparáveis da passagem de um concreto a outro, da passagem de um agenciamento a outro.”¹⁸

¹⁷ Caberia pensar o lugar dessa matéria enquanto informação: “...’como terceira dimensão da matéria, além de massa e energia’, no entender de Paul Virilio, permite acessar e explorar uma espécie de ‘solo’ comum entre o objeto físico, o ser vivo e o objeto técnico. Assim, tanto o cristal quanto o animal e a planta quanto a máquina, numa determinada perspectiva, operam segundo uma mesma lógica.” SANTOS L. *Outro homem, outro mundo*. In: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar. 2003. *Especial - 1953 DNA 2003*, p. 8. (Simondon já dava importância decisiva à noção de informação: toda a segunda parte do *L’individu et sa genèse physico-biologique* trata do papel da informação na ontogênese, na própria individuação vital.)

¹⁸ ORLANDI. In: MOURA (Org.), 1995, pp. 147-195.

Deleuze & Guattari apontaram uma questão de *traduzibilidade* atrelada à transdução, à questão dos códigos e da transcodificação nos organismos que compõem a vida. Esses processos de transdução se dariam através de estratos, conectando o molar e o molecular:

*...transduções que dão conta quer da amplificação da ressonância entre molecular e molar, independentemente das ordens de grandeza, quer da eficácia funcional das substâncias interiores independentemente das distâncias e da possibilidade de uma proliferação e mesmo de um entrecruzamento das formas, independentemente dos códigos...*¹⁹

Porém, eles afirmaram que, na expressão da linguagem, a tradução se opõe às transduções precedentes. A tradução seria um fenômeno desconhecido nos outros estratos.

Mas a tradução não deve, por isso, ser entendida como uma língua representando dados de uma outra língua, mas como uma singular manifestação de intensidade, pela qual *a linguagem, com seus próprios dados no seu estrato, pode representar todos os outros estratos e aceder assim a uma concepção científica do mundo.*²⁰

¹⁹ DELEUZE & GUATTARI, 1996, Vol. 1, p. 77.

²⁰ Idem, p. 79. V. tb.: “Movimento comum, linguagem comum, tradução universal. A partir da ciência e da técnica se instaura a possibilidade de abrir totalmente o mundo ao controle instrumental através da informação. A capacidade do homem de ‘falar’ a linguagem do ‘centro consistente do ser’, leva-o a aceder, segundo Gilles Deleuze ao plano molecular do finito ilimitado, no qual um número finito de componentes produz uma diversidade praticamente ilimitada de combinações.” In.: SANTOS L. *Outro homem*,

Nesse sentido, Deleuze & Guattari disseram ainda, que a *tradução é possível porque uma mesma forma pode passar de uma substância a outra, contrariamente ao que acontece no código genético*; embora esse fenômeno suscite o que eles chamam de *certas pretensões imperialistas da linguagem*.

Que seria essa *mesma forma* caracterizando a forma que passa? Para além de um formalismo vazio, não seria o que Simondon chama de *boa forma*? Ou seria o que Deleuze & Guattari chamariam uma *diferenciação* (uma virtualidade) que transpassa, neste caso, de uma atualização na língua A, a outra atualização na língua B, sendo que a própria passagem, por sua vez, implica uma série de outras conexões?²¹

Por outra parte, Deleuze & Guattari rejeitaram (em lugares diferentes) esse tipo de pretensão da linguagem antes mencionada, através, por exemplo, da idéia de agenciamento de enunciação:

outro mundo In.: *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 7 mar. 2003. *Especial* - 1953 DNA 2003, p. 8

²¹ Resultam esclarecedoras as afirmações de TEDESCO, 1999, p 101 (e seguintes), para entendimento da dimensão extra-lingüística em Hjelmslev, pois o plano da matéria é tido como infinito e indistinto: “Hjelmslev nos fez notar que os recortes referentes aos conceitos podem variar indefinidamente. A observação de que, num idioma uma região demarcada por determinado conceito receba , em outro, vários e diferentes recortes, serviu como exemplo de flexibilidade e, principalmente, do caráter ilimitado do processo de compartimentação da matéria no funitivo forma (Hjelmslev, 1975).” V. tb., ALMEIDA, 2003, p. 40 (e seguintes): “Na leitura que a lingüística faz de Hjelmslev e de suas noções, valoriza-se, entre outros pontos, a formulação de uma noção precisa de signo – ‘uma solidariedade entre uma forma de expressão e uma forma de conteúdo, que se manifestam por uma substância de conteúdo’ (...) Deleuze e Guattari fazem uma leitura não restritiva de Hjelmslev e vêem a obra do lingüista as potências de uma semiótica para além das coordenadas saussurianas, uma teoria espinozista da linguagem (...) uma lingüística de fluxos (Hjelmslev) distinta de uma lingüística do significante (Saussure) (...)”

Um agenciamento de enunciação não fala das coisas, mas fala *diretamente* os estados de coisas ou estados de conteúdo, de tal modo que um mesmo x, uma mesma partícula, funcionará como corpo que age e sofre, ou mesmo como signo que faz ato... Em suma, a independência funcional das duas formas é somente a forma de sua pressuposição recíproca, e da passagem incessante de uma a outra²².

Acrescentaríamos passagem incessante - metaestável, pois não existe identidade ou semelhança entre virtualidade e atualidade.

Pensada desse modo, a traduzibilidade se re-insere numa processualidade que a entorta, a torce e a distorce, modulando-a no movimento incessante de conexões com os outros estratos ou camadas de códigos e transcodificações de códigos²³.

Por essa perspectiva, Deleuze & Guattari atribuíram as noções de *transdução* e *tradução* (e de indução), às diferentes formas de

²² DELEUZE & GUATTARI, 1997, vol. 2, p. 28.

²³ DELEUZE & GUATTARI, 1996, vol. 1, p. 80: "...deve-se constatar que essa imanência de uma tradução universal à linguagem faz com que os epistratos e os paraestratos, na ordem de superposições, difusões, comunicações, ladeamentos, procedam de modo completamente diferente do que nos outros estratos: todos os movimentos humanos, mesmo os mais violentos, implicam traduções." V tb. a observação de Orlandi (correspondência): "Tenho uma hipótese para pensar essa imanente traduzibilidade universal de que a linguagem parece dispor: os signos lingüísticos são os mais leves, disponíveis e recombinaíveis seres com os quais o pensar se envolve em suas conexões com o sensível. Uma dessas conexões já esboça a referida universalidade: trata-se das dimensões articulatórias do aparelho fonador. Sabe-se que cada sistema fonético de cada língua explora apenas uma pequena gama de possibilidades desse aparelho que se constitui na garganta do falante." Cf: "(...) o mundo aparece como uma imensa superfície pela qual podemos circular, conectando as .mídias., acoplando-nos a seus terminais: a conexão generalizada de todos os indivíduos, na produção e o consumo, antecipa à máquina do capital - a sua traduzibilidade ilimitada." (IBÁÑEZ, p. 94. [tradução minha]). Cf: "A idéia de conflito é indissociável da instauração dos fluxos capitalísticos como tradutibilidade geral para as ordens econômica, libidinal, semiótica, etc." (GUATTARI-ROLNIK, 2005, p. 268.).

movimentos ou estratos, ou camadas relativas da matéria viva, *onde um estrato servia de substrato a outro.*²⁴

A transdução instaura uma *linearidade* de expressão, enquanto que a tradução implica numa *sobrelinearidade* de expressão, e a indução numa *ressonância* de expressão²⁵.

A *questão* colocada então neste projeto de tese, trata da *matéria viva vibrátil* em suas múltiplas formas de habitabilidades enunciativas, acompanhando mais uma vez Deleuze & Guattari, quando propõem uma espécie de seqüência de estados de agregação, para *vivenciar* os singulares momentos dessa matéria viva.

²⁴ORLANDI, 2003, p. 94: “Voltemos aos indivíduos que encontramos em nossas relações empírico-vulgares. Em vez de simplesmente abarcá-los com a ajuda de categorias mobilizadas em estratégias dedutivas ou indutivas, devo operar *transduções*, diz Simondon. Isto quer dizer que, ao inverso da *dedução*, esta operação que ‘procura alhures um princípio para resolver o problema de um domínio’, a transdução, mais sutil, deve ‘extrair das próprias tensões’ desse domínio a ‘estrutura’ capaz de resolvê-las; isto também quer dizer, por outro lado, que , embora a *indução* procure também extrair estruturas da ‘análise dos próprios termos do domínio estudado’, ela acaba fraquejando ao conservar tão-somente o que ‘há de comum a todos os termos’, ao passo que a transdução procura ‘descobrir dimensões’, vasculhar a problemática, detectar disparidades etc., e dizer tudo isso com ‘a menor perda possível de informação’”. In: *On indivíduo e sua implexa pré-individualidade*, CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. O reencantamento do concreto. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.

²⁵ Idem, p. 90.

Metodologia

Para sustentar uma modalidade de ação investigativa, adotar-se-á o método *rizomático*, como mapa metodológico operacional, levando em conta o que dizem Deleuze & Guattari, quando argumentam que:

O mapa é aberto, é conectável em todas suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente ... Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas ...²⁶

Esta montagem envolverá blocos de pensamento ou idéias ou devires, os quais não resistem a uma *codificação a posteriori*²⁷, mas se modulam por meio de acoplamentos de planos instáveis, para ganhar assim uma *configuração provisoriamente final*.

²⁶ DELEUZE & GUATTARI, 1995, vol. 1, p. 22.

²⁷ SANTOS, 1981, p. 11.

Primeiro ensaio: sobre um devir respirável da língua

Um homem que não era mais nem poeta nem tradutor, mas avançava temerariamente em direção a este centro onde acreditava encontrar concentrado o puro poder de unificar, e de tal modo que ele pudesse atribuir sentido, fora de todo sentido determinado e limitado (...) o homem disposto a traduzir está numa intimidade constante, perigosa, admirável como o poder unificador que está em obra em toda relação prática como em toda linguagem, e que a expõe, ao mesmo tempo, à pura cisão prévia, e é desta familiaridade que ele tira o direito de ser o mais orgulhoso ou mais secreto dos escritores – com esta convicção de que traduzir é, no fim das contas, loucura.²⁸

Ligamos agora uma das linhas de força ou de atualização²⁹ que permeia a noção de *estado de traduzibilidade* à idéia de *devir respirável* de uma língua, como processo de singularização dessa língua. Devir respirável, que pode ser pensado como criação de condições de habitabilidade de uma língua singular. Em relação a esta vertente, por assim dizer, respiratória de uma língua singular, resulta interessante ir fazendo algumas pontuações.

²⁸ BLANCHOT, M *Traduzir*. Trad. Ângela Leite Lopes & Fátima Saadi. In: *Folhetim* – Teatro do Pequeno Gesto, n 17, Rio de Janeiro, mai./ago. 2003. Publicado originalmente em L'amitié, Paris: Gallimard, 1971.

²⁹ DELEUZE, in: ALLIEZ, 1996, p. 51.

Tornar uma língua respirável – é uma ação que *inspira* a pensar numa passagem – uma viagem. Passagem que abarca trajetos, trânsitos ou navegações por espaços, inclusive irrespiráveis, que deixam suas marcas, suas vibrações na própria construção desse devir, acompanhando um movimento rítmico de inspiração e expiração e fuga do pensamento. Nesse sentido, é possível pensar que cada átimo de movimento que se incorpora – que ganha corpo, seria mais uma dessas marcas, com uma determinada extensão que lhe exprime consistência.

Fala-se então de um pensamento sobre o devir respirável de uma língua que se respira, quer dizer, um pensamento da ordem de um sopro de vida. Um pensamento se fazendo como estado de variação contínua: uma língua que se pensa ou se escreve ao mesmo tempo em que está sendo construída, dobrando-se sobre si para recriar-se.

Entretanto, para que esse devir respirável pulse o dito ou o escrito, parece necessário atravessar um certo sufoco, submeter-se à asfixia do irrespirável, do enlouquecedor. E isso, como diz Kafka, parece que – cada vez mais, hoje em dia –, se faz:

...no estrangeiro, num país onde nem o ar tinha já nada dos elementos do ar natal, onde devia asfixiar-se no exílio e onde não se podia, em meio de seduções

perversas, nada fazer, senão seguir caminhando,
seguir perdendo-se...³⁰

Derrida ³¹ nos recorda que Aristóteles pensa a linguagem a partir da fala, da voz, e por tal motivo a linguagem seria mais próxima do pulmão. Graças à voz, na fala, ou na escuta, a linguagem estaria mais próxima da alma; os sons dariam conta assim *dos estados da alma*, ao passo que a escrita estaria mais distante. Derrida evoca Aristóteles, em *Sobre a interpretação*, I, 16 a 1 e ss., quem diz: “os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma, e as palavras escritas são os símbolos das palavras emitidas pela voz”.

Mas qual seria então a composição ante essa disjuntiva na qual, a voz e a escrita, aparecem como oscilações de aproximação ao mundo?

A nossa noção de devir respirável, de uma língua que se respire, se compõe nessa pulsação rítmica também na escrita. Coisa que não teria assim outra saída senão em uma idéia de língua louca. Que intensidade extra-lingueira seria essa que atravessaria a letra e voz, a imagem e a cor, os corpos e os tempos?

³⁰ KAFKA, *El Castillo*. Trad. espanhol. D. J. Vogelmann. Buenos Aires © Emecé Editores, 1949, p. 52 (*retradução minha* – sobre a versão que aparece in: DELEUZE & GUATTARI, 2001, p. 96).

³¹ DERRIDA, 1967, pp. 21-22. [Disponível on-line. In: http://www.jacquesderrida.com.ar/frances/de_la_grammatologie.pdf]

Esse devir respirável nada tem a ver com uma possível *limpeza* da língua que se respira: às vezes é preciso respirar fumaça, poluição, misturas e percolações de fluídos em suas variáveis e monstruosas combinações, para poder sentir o ritmo, a cadência da inspiração-expiração: uma questão de paladar, embora deslocada no corpo; tomada por um fluxo delirante de variação: o paladar se desloca às vias respiratórias, à traquéia, aos brônquios, que sentem o gosto, o sabor da vida que flui dentro de si.

Proponho com o estado de traduzibilidade não obedecer a nenhuma tentativa da vontade consciente de *limpar* uma língua, configurando-se *precisamente* como um anti-Estado, por sua mobilidade intrínseca e rítmica.

A língua decorrente do devir respirável é uma língua que se respira: responde a movimentos ritmados, necessários enquanto impulso vital. Não pensamos para respirar. Mas a língua do estado de traduzibilidade é uma língua se pensando, se fazendo, se poetizando a si mesma: imanência de um pensamento articulado sobre si mesmo como matéria própria da vida, como matéria viva que corre.

Domicílios da matéria intensiva

O domicílio da matéria que compõe esse estado de traduzibilidade vai *do geral ao especial*³², eis o seu procedimento. Não se trata de possíveis pontos de partida e

³² DELEUZE, 2000, p. 24.

de chegada, pois inclusive estes que são visualizáveis a olho nu - pois às vezes estão operacionalmente delimitados - não deixam de vibrar e escorrer-se.

A operação do estado de tradução deixa na *corda bamba*, tanto um possível ponto de partida, como original ou origem³³ – seja este mítico ou hipotético–, quanto um ponto de chegada tranquilizador.

A traduzibilidade evocada aqui é, por assim dizer, de natureza quântica, isto é, para-além do molecular, envolve superposições de estados, impossíveis de detectar nalgum plano que não seja o subatômico. Ela foge, se escamoteia do movimento pendular da ambivalência, binarismo que coagula as possibilidades em duas posições clássicas de suporte. Os extremos A e B, como suportes instáveis e práticos do exercício de tradução, não são outra coisa que mais dois

³³ Por isso, *embarco* numa investigação que quer e se propõe tensar paroxisticamente, abarrotar tal idéia de *corda bamba* de traduzibilidade, dirimida no plano das intensidades. Ainda quando certos ‘ecos’ possam sugerir uma tentadora primazia de relações ou estrutura, para seguir rondando a noção de origem, à qual, parece-me, a traduzibilidade deleuzo-guattariana que eu evoco é ‘alérgica’ ou ‘refratária’. V.: “Ora, uma outra leitura da filosofia da história benjaminiana parece-me possível e até mesmo necessária. Ela parte de uma definição da noção de *Ursprung* que certos intérpretes se arriscaram a aproximar da estrutura para melhor opô-la ao desenrolar cronológico*”; isto não significa uma negação da dimensão profundamente histórica deste conceito, mas acarreta (...), uma apreensão do tempo histórico em termos de *intensidade* e não de cronologia. In: GAGNEBIN, 1999, p. 8. (*Jean Marie Gagnebin evoca Sergio Paulo Ruanet. In: “Introdução” à tradução da *Origem do Drama Barroco Alemão*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 20) V. Tb.: “Esta seria a *narração salvadora*, aquela que busca no passado os signos de uma promessa a respeito da qual sabe-se hoje se ela foi ou não cumprida, e a respeito da qual é preciso perguntar-se se cabe ainda ao presente realizá-la, diz Gagnebin. Narrativa de *restauração* não do passado, mas das suas aberturas encobertas. E a origem, nesse sentido, não é o alvo mítico da retroflexão de uma identidade presente, mas instante de eclosão de uma descontinuidade, salto para fora do *ronron* cronológico e do encadeamento causal”. (In: PELBART, P. *O avesso da melancolia*. In? ano? p. ?)

lugares na configuração desse *entre*, desse *entre-lugar* caracterizado como intervalo.

Essa traduzibilidade também foge do Uno da metáfora, como unção significante, atributo transcendente do Sentido, mais-além das regiões de intensidades situáveis nesse intervalo. Trata-se mais de:

Agarrar o mundo, em lugar extrair dele impressões; operar nos objetos, nas pessoas e nos acontecimentos, diretamente na realidade, não nas impressões. Matar a metáfora³⁴.

Regiões de intensidade

Como foi dito, a matéria viva intensiva que constitui o estado de tradução não ganha intensidades em pontos fixos ou quietos, mas em regiões pontilhadas e singulares; que vibram ao compasso dos mínimos elementos da matéria. Vibram a música de um mundo como *quarks*, molas vibrantes no plano subatômico que constituem *uma* língua em estado de variabilidade singular.

Por isso o estado de traduzibilidade implica vibração e variabilidade em movimento, e por isso se opõe à metáfora como emblema da significação: o estado de traduzibilidade é

³⁴ DELEUZE & GUATTARI, 2001, p. 102 (tradução minha do castelhano)

um empreendimento de saúde, contra o Golpe de Estado mortífero da metáfora.

Não há transcendência de um ponto de destaque, mas posições singulares e ressoantes num plano de imanência que lampeja neles. As posições se instalam no percurso pulsante e unívoco da matéria viva em transformação, que se diferencia e se escamoteia, foge como X da questão, nesse movimento permanente.

Por isso a tarefa do tradutor cintilar uma tarefa clínica, como caricatura ou bufonaria que vai se apossando em fulgurações e reverberações dos personagens e figuras dos mais variados e desvairados entes que o movimento de tradução exprime no seu roteiro.

Sem esquecer que essa traduzibilidade, precisamente por estar inserida em regiões geográficas, se coloca como dispositivo ou tentativa de construção de uma língua domiciliar ou língua menor, e por isso como opção de intervenção política.

E uma língua menor, como dizem Deleuze & Guattari é:

(...) tanto mais política justamente por isto; encontra meios de expressão segundo seu gênio, em um uso arcaico, simplista e estereotipado da linguagem ou, ao contrário, numa sobriedade que arranca da língua uma pura queixa e uma provocação³⁵

³⁵ DELEUZE & GUATTARI, 2001, pp. 97-98 [tradução minha do espanhol]

Ao se falar de regiões, diríamos que estas evocam ressonâncias díspares, ondulações no espaço-tempo. E seriam tomadas pelos devires que povoam essas regiões geográficas.

Ressalto aqui que esses devires *nos povoam*, como partícipes de regiões ou modos de dizer, gritar, rir ou cantar em constante processo de composição.

Segundo ensaio: Escrevendo vozes dantes³⁶

O homem é uma corda atada entre o animal e o além-do-homem.³⁷

Por que dantes?

Dantes quer dizer *outrora, em outro(s) tempo(s)*. A utilização dessa palavra envolve uma provocação de ação dupla: para leitor e também para o escritor deste ensaio.

Primeiramente aparece a conotação de localização no tempo vozes que vem *de antes*, que podem evocar uma vida anterior. Mas o anterior pode também evocar o primeiro, sendo que primeiro não necessariamente deve afirmar uma cronologia; pode também afirmar um princípio operacional que indique temporalidades essencialmente outras a cada instante, por princípio de fuga.³⁸

³⁶ Com algumas variações, este ensaio foi publicado no número I da revista eletrônica ALEGRAR (www.alegrar.com.br), em agosto de 2004, em edição bilíngüe: português/castelhano. Também saiu editado em castelhano no coletivo DIALÓGICA, Faculdade de Comunicação Social, Ciência Política e Rel. Int. da Universidade Nacional de Rosario (UNR) – Argentina (www.dialogica.com.ar), em setembro de 2004.

³⁷ NIETZSCHE, 1978, p. 227.

³⁸ DELEUZE, 1977, pp. 59-65. “As linhas de fuga é que são primeiras (mesmo que ‘primeiro’ não seja cronológico). Longe de estar fora do campo social ou dele sair, as linhas de fuga constituem seu rizoma ou cartografia. As linhas de fuga são quase a mesma coisa que os movimentos de desterritorialização: elas não implicam qualquer retorno à natureza; elas são as pontas de desterritorialização nos agenciamentos de desejo.”

Por outro lado, há uma evocação de *Dante* em alusão a um tipo de inferno que envolve o trabalho de delimitar o problema da traduzibilidade como ação de pensamento. Nesse sentido, intuiu-se já nessa alvorada investigativa que havia algo de inquietante, de *desejo como potência demoníaca*³⁹ circulando em algum inferno que pedia passagem, explicitação.

Por outra parte, insiste aquela questão do princípio operacional mencionado desde um outro ângulo: o da tarefa de delimitar essa ação da traduzibilidade como uma multiplicidade de pensamento, expresso em intensidades que nada tem de procedimento colado ou radicado na representação do mundo. Nesse ato de traduzir, como ato de pensamento:

O privilégio da sensibilidade como origem aparece nisto: o que força a sentir e aquilo que só pode ser sentido são uma mesma coisa no encontro, ao passo que as duas instâncias são distintas nos outros casos. Com efeito, o intensivo, a diferença na intensidade, é ao mesmo tempo o objeto do encontro e o objeto a que o encontro eleva a sensibilidade. Não são os deuses que são encontrados; mesmo ocultos, os deuses não passam de formas para a recognição. O que é encontrado são os demônios, potências do salto, do intervalo, do intensivo ou do instante, e que só preenchem a diferença com o diferente; eles são os porta-signos.⁴⁰

³⁹ ORLANDI, 1990, pp 159-186. Evocando esse demoníaco do desejo no Inferno de Dante.

⁴⁰ DELEUZE, 1968, p. 293. Evoco aqui os caminhos apontados nesse sentido do ato de pensar a partir dos sinais do mundo por Orlandi. In: *O século será foucauldiano ou deleuziano?* Conferência de abertura feita no I Simpósio de

Ainda, o *dantes* tem mais uma conotação: *Escrevendo vozes dantes* foi traduzido pelo próprio autor ⁴¹ para publicação bilíngüe português-castelhano, o que envolveu o garimpo de alguma variação do castelhano que possibilitasse manter a forma *dantes*; foi achada no aragonês, em estado *larvar*, pois ainda mantém o apóstrofo: *d'antes*. E algumas outras apreciações que se analisarão mais adiante.

Das coordenadas do problema

Procuramos delimitar ou focar questões que dizem a respeito da metáfora e da traduzibilidade; que ganham ressonâncias no trabalho cotidiano de tradução e nesta pesquisa de tese. Esclarecemos, nesse sentido, que essas questões não são novas como motivo de inquietação de quem subscreve. Tais inquietações e ruminatórias o acompanham desde que cunhou a noção de *estado de tradução* como ferramenta para pensar e operar regionalidades no contemporâneo; e nelas, a possível emergência de singulares (domiciliares) manifestações de intensificação subjetiva.

Filosofia Contemporânea “Nietzsche e o Pensamento Francês” realizado na Universidade Estadual de Londrina nos dias 11 a 15 de setembro de 2006.

⁴¹ *Escribir voces d'antes*. [Disponível on-line. In: http://www.alegrar.com.br/01/vozes/index_es.html]

De antemão, acreditamos ter a clareza de que, o que se irá dizer-escrever, provavelmente ultrapasse em pouco (se ultrapassar), o limiar da imensidão de textos que circulam na *web* e em outros espaços; mesmo assim, ganha relevo o caráter de recomeço (enquanto movimento mínimo) de uma abordagem temática, com a precariedade própria e a exaltação *tosca* que pode surgir de qualquer recomeço.

Retomando, pois, na tentativa de imanentizar, isto é, de situar em coordenadas tangíveis o problema ou minhas questões⁴²:

a) *Num texto nietzscheano e suas reverberações atuais.*

Detemo-nos alguns momentos no percurso desta investigação em excertos de *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*⁴³. Nesse texto, Nietzsche questiona a gênese do conhecimento humano, conhecimento que se *traduz* invariavelmente [diríamos também, *in-variavelmente*, isto é, com variabilidade intrínseca] em linguagem. Isto significa, entre outras coisas, que não haveria forma de conhecimento direto e puro da natureza como tal, mas um impulso persistente e permanente à formação de metáforas, transposições que mais e mais se distanciam do mundo como

⁴² Tentativa, aliás, situada na essência da rebeldia nietzscheana: "(...) a curiosidade (...) implica "riscos", diz Nietzsche, e um questionamento radical da própria constituição interrogativa do humano: "*quem*, realmente, nos coloca questões? O *que*, em nós, aspira realmente à verdade?" (⁴²). Não apenas *quem?*, portanto, mas também o *que?*, além de outras. A tradição latina, através de Marco Fabio Quintiliano (35 ou 40^a C. - ? -- a quem podemos homenagear como nosso antepassado por ter sido o primeiro professor pago pelo 'Estado', pois sua escola de oratória, ao contrário da liberalizante tendência atual, fora estatizada em Roma por volta de 74 d. C., no tempo de Vespasiano), legou-nos um leque de perguntas tecnicamente importantes para o exercício da retórica: *quis?*, *quid?*, *ubi?*, *quibus auxiliis?*, *cur?*, *quomodo?*, *quando?* (quem?, o que?, onde?, por quais meios?, por que?, como?, quando?). ORLANDI, in: Daniel LINS, Sylvio de Sousa GADELHA COSTA, Alexandre VERAS, *Deleuze e Nietzsche – Intensidade e paixão*, Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 2000, pp. 75-90.

tal, por sua própria composição feita de contorções de linguagem. Assim, quando o humano fala/escreve, encontra-se já *embarcando*, para ser transportado numa deriva, num desvio que o afasta das coisas e do mundo como essência. Quanto mais esse humano acredita atingir a apropriação das coisas pelo conhecimento, mais pareceria estar se afastando delas, ecoando os ecos de vozes que constituem as metáforas.

Por isso o conhecimento, sempre metafórico, quando alcança o plano conceptual – ou da definição – encarna o paroxismo da redução a essa forma própria ou de apropriação do humano, que é concebida nesse campo de relação com a natureza que funda a linguagem, e que se fixa, assim, ancorada na rigidez ou cristalização do conceito. Nesse sentido, o conceito seria a igualação do diferente, do inassimilável: a palavra, quando tomada como conceito, fixa, suprime em nome do rigor de uma forma conceptual o exercício das tentativas de aproximação ou de encontros com mundos singulares: reducionismo antropomórfico que suprime a emergência de singularidades.

A verdade, para Nietzsche⁴⁴, seria talvez (?) essa variabilidade metafórica – porque humana e lingüística – do

⁴³ NIETZSCHE, 1978, pp. 46-52.

⁴⁴ DELEUZE, G. s/d, p. 143: "A verdade sempre foi postulada como essência, como Deus, como instância suprema... Mas a vontade de verdade precisa de uma crítica. – Defina-se assim nossa tarefa – é Preciso tentar de uma vez por todas pôr em questão o valor da verdade (1).’ Por isso Kant é o último dos filósofos clássicos: jamais põe em questão o valor da verdade nem as razões para nossa submissão ao verdadeiro. (...) Sabe-se que o homem, de facto,

conhecimento, sempre submetido a um exercício de relação, de transposição, de recorte, de interpretação, de formatação, de tradução, de traição à natureza:

(...) As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas. A “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é também para o formador de linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas. Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa uma mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova. (...)⁴⁵

Mas então: como relacionar-se com o mundo – através desse intrincado jogo de relações que propõe Nietzsche – seguindo o movimento duplo da traição tradutora (pois a forma singular nunca será a forma verdadeira), mas visando também

raramente procura a verdade; os nossos interesses assim como a nossa estupidez separam-nos do verdadeiro, mais do que nossos erros. (...) Nietzsche aceita o problema no terreno que ele é colocado: não se trata para ele de pôr em dúvida a vontade de verdade, não se trata de lembrar mais uma vez que os homens, *de facto*, não amam a verdade. Nietzsche procura o que é que a verdade significa como conceito, quais as forças e que vontade qualificadas este conceito pressupõe, *por direito*. Nietzsche não critica as falsas pretensões à verdade, mas a própria verdade como ideal”. Por outro lado, o uso da metáfora, por sermos “prisioneiros da linguagem e do nosso sistema de interpretações”, correspondente ao nosso ímpeto de antropomorfizar o mundo, aparece no verbete metáfora do item 4.2.1.1. do livro de Camille Dumoulié, *O desejo*, tr. br. de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 154-155].

⁴⁵ NIETZSCHE, 1978, p. 47.

um campo de possibilidades para perfurar ou acabar com a metáfora do conceito como *metáfora verdadeira*?

Em outras palavras, esta pergunta remete a uma tentativa de fazer no exercício cotidiano do viver uma rara espécie de atletismo, de performance viva consistente em tentar “*agarrar o mundo, em vez de dele extrair impressões, trabalhar nos objetos, nas pessoas e nos acontecimentos, no real, e não nas impressões.*”⁴⁶.

b) *Da problemática nietzscheana da metáfora como contribuição para uma noção de traduzibilidade múltipla.*

Nietzsche parece travar uma curiosa guerra de guerrilhas com esse homem – *demasiado humano* –, apegado à abjeta e mecânica transposição do que se passa, se desloca – embora derrape contra os planos do mundo – em texto fácil, acessível a todos, universal e de todos, porque é de ninguém, de nenhuma singularidade encarnada em indivíduos, objetos ou vida em quaisquer das suas manifestações.

Assim, parece optar por uma alternativa também curiosa, porém de uma espantosa efetividade: relança o campo inteiro do metafórico, repondo-o na multiplicidade de

⁴⁶ DELEUZE & GUATTARI, 2001, p. 102 [edição castelhana]. Levando em consideração que “o real não é somente o que se divide segundo articulações naturais ou diferenças de natureza, mas é também o que se reúne segundo vias que convergem para um mesmo ponto ideal ou virtual.” DELEUZE, 1999, p. 20. V. tb. DELEUZE, *O atual e o virtual*. In ALLIEZ, 1996, pp. 49-56.

planos e conexões, as mais variadas no mundo (p. 49). Essa operação parece ganhar consistência ao lançar mão de uma quantidade imensurável de figuras de linguagem⁴⁷, que ocupam por força, quer dizer, com a especificidade da força de expressão, o espaço ou campo do mundo.

c) *Da tomada ou ocupação do problema da traduzibilidade hoje.*

Reaparece, neste ponto, uma das inquietações iniciais: o engate da questão metafórica nietzscheana na atualização do cotidiano campo da traduzibilidade, campo que me afeta como pesquisador e como tradutor “propriamente” dito. O que eu posso dizer ou conjecturar, como hipótese, que se passa nesse campo da tradução, pensando-o também como uma forma explosiva do contemporâneo?

Já no século XX, Derrida afirma que a metáfora, ou que se passa nela, é a palavra tomada num outro sentido que o próprio; quiçá como consequência de uma transação ou atrito, troca ou violência que deve travar com o mundo para exercer

⁴⁷ Procedimento que poder-se-ia aproximar à operação literária borgesiana de esquadramento do mundo, mediante a criação de: “Ontologias fantásticas, etimologias transversais, genealogias sincrônicas, gramáticas utópicas, geografias romanescas, histórias universais múltiplas, bestiários lógicos, silogismos ornitológicos, éticas narrativas, matemáticas imaginárias, *thrillers* teológicos, geometrias nostálgicas e recordações inventadas...” Tradução minha a partir do texto de apresentação de *Jorge Luis Borges – Center for Studies & Documentation – University of Aarhus – Dinamarca*. Intitulado *¿Por qué Borges?*, o texto utiliza a noção de *transversalidade* para explicar um “deslocamento epistemológico de um campo de pertinência a outro, uma espécie de hipálage científica”. Disponível On Line. In: <http://borges.uiowa.edu/spanish.php>

sua própria existência ou eficácia, a palavra está numa *morada emprestada*. E a metáfora, ou o seu veículo, que abarca ao sujeito das metáforas: leva-o, transfere-o no mesmo momento em que o sujeito crê que o designa, o expressa, o guia, o governa "como um piloto em seu navio(...)".⁴⁸

Imbuída também numa ambiência veicular, Susan Sontag⁴⁹, uma outra voz contemporânea falando da tradução, situa momentos ou fatos chaves na adoção 'universal' ou necessária do inglês: a aviação e a informática, numa interseção de transportes, um próprio do começo do século XX, e o outro, quase do final deste.

Da minha parte, e para atingir o ponto-de-chegada provisório deste ensaio, arriscarei o seguinte: há virtualidades de uma traduzibilidade múltipla que se movimentam intensamente, nas mais desvairadas temporalidades, usurpando micro-lugares, visando sua atualização e seu retorno a novas regiões magmáticas de virtualidades.

Eis uma ocupação de territorialidades extra-subjetiva ou extra-individual: usurpação do vivo, que 'não sabe' que usurpa ou ocupa esses lugares, territórios que 'não lhe pertencem'. Assim, o vivo se faz presente no imponderável, se abre caminho quão viagem a transpolar de um crustáceo, em meio à água de lastro de um navio global a sulcar os oceanos.

⁴⁸ DERRIDA, 1978, pp. 103-126.

⁴⁹ SONTAG, S. *O evangelho hegemônico da tradução*. São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 17/08/2003, pp. 12-13. *Cad. Mais!*

Não é senão desse modo que eu consigo, transitoriamente, pensar a passagem virtuais entre-línguas, nesse ‘lado a lado’ que antes evoquei em Nietzsche, e suas respectivas atualizações, e as conseguintes eclosões que, nesse ‘entre-lugar’, podem acontecer.

Num tal movimento incessante de passagens múltiplas, e assim como a traduzibilidade – aquilo que se movimenta nela – tem o caráter ou a a-legalidade de uma usurpação, àqueles que nos aventuramos nesse problemático campo, não cabe senão operar desprovidos de qualquer dignidade superior ou cidadania da humana e verdadeira palavra, mas com a precisão própria de quem opera procurando preciosidades no terreno-garimpo de um catador de lixo.

Comentário

Esse parágrafo produziu uma explosão de neologismo, na hora de ser recriado no espanhol: a ‘transcrição’ da palavra “*cirúrgica*”⁵⁰, inexistente na língua castelhana. Uma outra

⁵⁰ A frase ficou assim: “no nos cabe otra que operar desprovistos de cualquier dignidad superior o ciudadanía de la humana y verdadera palabra, sino con la precisión cirúrgica* de quien opera escrutando preciosidades en el terreno de aquello que, universalmente, no es más que basura.” *Neologismo o instauración neo-lunfarda, por vía de una graciosa e intensa interferencia del portugués. Como se comprenderá, dicha voz evoca la actitud propia del ciruja. (En tanto, en portugués la misma voz se refiere al cirujano [‘cirurgião’] y es correlativa al castellano quirúrgico). La actitud y la precisión cirúrgica expresan así una caótica variabilidad a la que la higiénica, actual y pretendida definición niveladora: “cartonero”, no logra siquiera aproximarse. Ciruja imprime una intensa contracción en el lenguaje urbano rioplatense, plagada a su vez de sentidos: es una voz apocopada del cirujano, y evoca aquello de revolver con un pedazo de hierro. El ciruja revuelve la basura hasta encontrar algo que le sirva de sustento. Realiza su labor por las noches, escrutando los desperdicios hasta encontrar material de algún valor, para luego venderlo

questão aparece então: por um lado, o efeito da tradução de si próprio como processo de individuação:

Samuel Becket problematiza o processo de tradução quando decide escrever em inglês algumas de suas obras escritas originalmente em francês. Ele, estritamente, não traduz; escreve de novo. Paul Auster, no ensaio “From cakes to stones”, analisa o trabalho de *self-translation* feito por Samuel Beckett... A nova língua ganha em economia e concisão de palavras, confirmando que na arte de Beckett “less is more”. Escreve Auster sobre a tradução: “is not so much a literal translation of the original as a re-creation, a ‘repatriation’ of the book into English”. Com essa repatriação fica patente que não há um original a ser traduzido, mas um texto a ser reinventado.⁵¹

Por outro, os efeitos dessa cata nas recombinações de memória a partir do presente. Lembramos então aqui a frase de Funes, o personagem borgesiano: “*Mi memoria, señor, es como vaciadero de basuras.*”⁵²

⁵¹ V. *Heterogeneidade Deleuze-Lacan*, de Eduardo A. Vidal. In: ALLIEZ (Org.), 2000, p. 488. V. tb.: *Samuel Beckett se traduce a sí mismo*. ORTIZ GARCÍA, 2002, pp. 69-75. [Disponível online. In: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=272204>]

⁵² BORGES, 1978, *Funes el memorioso*, p.122. Trad.: “*A minha memória, senhor, é como um vazadouro de lixo*”. Conto disponível on-line em português: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/funes.htm>]

BLOCO I

Bloco I

À busca de uma língua pura

Na verdade, eu nunca viajei muito; nunca saí da América do Sul. Isso sim, o Brasil tem me afetado enormemente (...) Logicamente, o preço é alto: oportunhol. Inútil resistir tão avessa interferência. No entanto, essa tensão entre duas línguas, na qual uma é o erro próximo da outra, é poética em si mesma – jogo da distorção. (...) Nalgum alto grau de delírio, o espanhol e o português se juntam, se confundem, recuperam a irmandade siamesa ou restauram, como queria Benjamin, uma “língua pura”. Agora, você tem que ficar bem alto para alucinar essa fluxão-fusão. Se como diz Artaud, o espírito mora no fígado, há de se compreender então que, na maior parte das vezes, os efeitos dessa interferência sejam catastróficos (...) ⁵³

O que é uma língua pura? O que seria isso? Talvez uma língua pura se faça por mistura de línguas? Uma língua é pura quando colocada a delirar? Que delírio seria esse encontro circense entre línguas siamesas que se lê na epígrafe?

Que viagem permitiria acompanhar esse encontro? Qual a clínica mundana ⁵⁴ que permitiria a sua emergência, ou melhor, sua atualização? Qual a apreciação crítica desses encontros?

⁵³PERLONGHER. *Jornal de poesia - Banda hispânica*. [Disponível on-line. In: <http://www.revista.agulha.nom.br/bh6perlongher2.htm>] [tradução minha do parágrafo, para o português]

⁵⁴ DELEUZE, 1987, p. 6. Segue-se a noção deleuzeana de signo mundano: “(...) surge como o substituto de uma ação ou de um pensamento, ocupando-lhes o lugar. Trata-se, portanto, de um signo que não remete a nenhuma outra coisa, significação transcendente ou conteúdo ideal, mas que usurpou o suposto valor de seu sentido”.

Deve-se esclarecer de que viagem de busca e experimentação está se falando, para começar. Isto pode ser feito pensando em que se trata de uma viagem plural; quer dizer, uma composição de várias ou variadas viagens, ou variações ou acordes de viagens que serão destrinchadas doravante.

Viagem vital e contínua que leva a sentir o mundo traduzido⁵⁵. Um tipo raro de contemplação, rasgada pelo tamis laboratorial de duas línguas tão próximas quanto distantes: o português e o espanhol:

...ibéricas, submetidas ambas na América Latina a um semelhante processo de hibridização barroca e convívio plurilíngüe, e suscetíveis também de uma análoga tensão ecumênica, ora sob o impulso disjuntivo de Babel, ora ao sopro conjuntivo de Pentecostes.⁵⁶

Começaremos então por desenovelar momentaneamente o emaranhado de perguntas que principiam este trabalho, acionadas

⁵⁵ Donde surge também a colocação no título desta tese: *vida hifenizada*. Salman Rushdie evoca uns “homens traduzidos”, indivíduos ‘hifenizados’, caracterizados por identidades “ao mesmo tempo plurais e parciais”. V. BHABHA, 2001, [orelha do livro] Destarte, não soa convincente ainda a pluralidade de identidades, pois a ênfase identitária não é o foco desta tese, mas um processo de individuação no intervalo da *traduzibilidade*, que tenta se erguer ao estatuto de problema. Uma hifenização pode ocupar uma particular ativação intensa do enleio singularidades-acontecimentos, como diz Orlandi: “Com aquele hífen imbricando singularidades-acontecimentos, ele {Deleuze} está reativando (...) seu próprio conceito empírico-transcendental de acontecimento, sendo este um dos filosofemas mais reincidentes em sua obra e que acabará exigindo uma atenção especial ao conceito de virtualidade e, portanto, com o de singularidades pré-individuais”. In: *O indivíduo e sua implexa pré-individualidade*. [CADERNOS DE SUBJETIVIDADE, 2003, p. 96.]

⁵⁶ CAMPOS, HAROLDO, 1997, p. 195.

pelo recado em epígrafe. Estamos nos referindo a um emaranhamento muito especial, pois requer, por sua vez, se perguntar por uma operação num complexo caleidoscópico, com cintilações de longa duração, que leva à configuração de uma intensidade exprimida no encontro de *línguas siamesas*.

Ora, um emaranhado pode muito bem pendular para uma caótica babélica ou, numa dimensão por dizer, estranha à disjuntiva de Haroldo de Campos, para uma dimensão com a qual a física contemporânea define um outro plano ou nível - o quântico.⁵⁷

Distorcemos assim, figuralmente, a noção circense de línguas siamesas para um campo invisível a olho nu: como poderia acontecer esse encontro de línguas numa dimensão, por dizer, de partículas subatômicas, extralingüísticas, formando torques infinitesimais de ação à distância - partículas siamesas, e por isso mesmo aberrante em si mesmo?⁵⁸

⁵⁷ SIMONDON, 2003, pp. 103-104: “Nem o *mecanicismo*, nem o *energetismo*, teorias da identidade, explicam a realidade de maneira completa. A teoria dos campos, acrescentada à dos corpúsculos, e a teoria da interação ente campos e corpúsculos, ainda são parcialmente dualistas, mas *encaminham-se para uma teoria do pré-individual*. A teoria dos quanta, por outra via, apreende *este regime do pré-individual* que ultrapassa a unidade: uma troca de energia se faz por quantidades elementares, como se houvesse individuação da energia na relação entre as partículas, que, em um sentido, é possível considerar como indivíduos físicos. Talvez seja neste sentido que poderíamos assistir à convergência de duas novas teorias que, até hoje, permanecem impenetráveis, a dos quanta e a da mecânica ondulatória: elas poderiam ser consideradas como *duas maneiras de exprimir o pré-individual* pelas diferentes manifestações em que intervêm como pré-individual. Sob o contínuo e o descontínuo há o quântico e o complementar metaestável (mais que unidade) que é o verdadeiro pré-individual. A necessidade de corrigir e de acoplar os conceitos de base na física, talvez traduza o fato de *os conceitos serem adequados somente à realidade individual*, e não à realidade pré-individual.”

⁵⁸ Sobre emaranhamento quântico: V. *Partículas gêmeas*, revista *Pesquisa FAPESP*, n 72, fevereiro 2002. Disponível on-line. In: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=1660&bd=1&pg=2&lg>. O emaranhado, “é a propriedade física por trás da realização do teletransporte. O teletransporte do estado de polarização de um fóton foi realizado experimentalmente com a utilização de pares de fótons entrelaçados ou emaranhados” (...) “Os fenômenos

A proposição inicial parece conter uma armadilha: por que um encontro de línguas levaria a uma intensidade colocada aqui em termos *de língua pura*? Será este um problema a ser trabalhado? Tematizado? Problematizado? Por que um encontro de línguas tão parecidas, sendo uma quase que o erro e o chiste da outra, e vice-versa -, línguas siamesas que estamos chamando - seria em si um problema hoje?

do mundo atômico e molecular, habitado pelas partículas gêmeas, são regidos pelas leis da mecânica quântica, que parecem um contra-senso para quem se atém às dimensões do mundo visível. Partículas como elétrons e fótons comportam-se como corpúsculos e ondas ao mesmo tempo e só optam por um desses comportamentos quando observados. Há outras coisas estranhas. As partículas podem ocupar duas posições no espaço ao mesmo tempo ou se despedaçar em numerosos fragmentos - ou ondas - e mesmo assim manter suas propriedades. Diferentemente dos corpos macroscópicos, nunca revelam simultaneamente sua posição e sua velocidade. Essas peculiaridades levaram a um intenso debate os maiores cientistas do século 20".

O problema em seu justo lugar

É um erro ver nos *problemas* um estado provisório e subjetivo, pelo qual nosso conhecimento deveria passar em razão das suas limitações de fato. É este erro que libera a negação e desnatura a dialética, substituindo o (não)-ser do problema pelo não-ser do negativo. O "problemático" é um estado do mundo, uma dimensão do sistema e até mesmo seu horizonte, seu foco: ele designa exatamente a objetividade da Idéia, a realidade do virtual. O problema como problema é completamente determinado, sendo-lhe próprio ser diferenciado, na medida em que é referido a suas condições perfeitamente positivas — embora não esteja ainda "resolvido", e permaneça, assim, na indiferença. Ou, antes, ele é resolvido desde que é colocado e determinado, mas não deixa de persistir objetivamente nas soluções que engendra, diferindo delas por natureza.⁵⁹

No livro *Bergsonismo*⁶⁰, vemos que a dicotomia entre um verdadeiro problema e um falso problema não se restringe, como alguma sensatez rasa indicaria, ao achado da solução do dito problema.

Um problema deve ser sustentado em sua qualidade problemática, quer dizer, colocado com uma precisão em meio a uma névoa particular e privilegiada (foco), para assim encontrar as suas conexões que lhe são próprias nesse campo e ao seu interior.

⁵⁹ DELEUZE, pp. 359-360. [Tr. br. revisada, Luiz BL Orlandi.]

⁶⁰ DELEUZE, 1999, pp. 10-11.

Aí residiria; aí o problema poderia ganhar uma movediça morada problemática, criar-se-ia *um justo lugar* para ele, ao dizer de Nietzsche.⁶¹

Agora, em que consistiria a definição do verdadeiro problema aqui, nesse encontro de línguas que se coloca em foco? Uma solução de caso, específica a um problema de tradução relegaria à inexistência um tal problema que aqui tenta ganhar seu lugar? Ou trata-se de um tipo de intensidade problematizante que se passa, se movimenta num intervalo da vida, nesse hífen da *traduzibilidade* como problema?

Seguindo o *Bergsonismo* que Deleuze nos traz, pareceria que a questão pode passar por ganhar precisão metodológica para burilar a questão. Não há, como se verá mais adiante, nenhuma oposição do *ser* ou *não-ser* no problema que traremos para analisar.

Não está constituído o problema em sua explicitação pragmática, como se verá no Bloco II desta tese, na dialética do *ser/não-ser*, nem do ato de traduzir - talvez mais no transporte-movimento que ele implica, pois como veremos, trata-se de uma espécie particular de *ato-em-movimento* ou ato expandido, num tempo aiônico⁶²:

⁶¹ NIETZSCHE, F. Rascunhos (constantes de ed. de Erich Podach) do § 3 do 3º cap. de *Ecce homo* (1888), tr. br. de Paulo C. de Souza, SP, Comp. das Letras, 2000, p. 125, nota 36. V. tb. ORLANDI, 2002, pp 10-26: “sobre um estado de problema precariamente controlado, de problema que, embora tratado, permanece escapando das linhas de força de um questionamento que já se delinea, mas que não encontrou ainda sua razão suficiente.” V. tb, DELEUZE & GUATTARI, 1996, V I, p. 36: “Nunca idéias justas, justo uma idéia!”

⁶² DELEUZE, 1998, p. 169, e tb, p. 171: “o que o instante extrai assim do presente, como dos indivíduos e das pessoas que ocupam o presente, são as singularidades, os pontos singulares duas vezes projetados, uma vez no futuro, outra no passado, formando sob esta dupla equação os elementos constituintes

Segundo Aion, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo.

Ou, dito nos termos do próprio Bérghson, *um instante, um presente*:

O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. Onde portanto se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo "meu presente" estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois 'o momento em que falo já está distante de mim'; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo, e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria. É preciso portanto que o estado psicológico que chamo 'meu presente' seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.⁶³

do acontecimento puro: à maneira de um saco que abandona seus espórios". Esse tempo aiônico que evocamos em Deleuze, *sem espessura*, não tende, portanto, a um alargamento do presente compondo-se com um passado, como alguma vez se evocou na dissertação de mestrado, como presente 'largo' ou 'gordo' (p. 30 da dissertação. [In <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/dkraus.pdf>] - pelo contrário.)

⁶³ BERGSON, 1999, pp. 161-162.

Retomando, tampouco está constituído esse *ato expandido* nos instáveis pontos que se consideram como de partida e de chegada nas línguas envolvidas como operação mental e pragmática. Aliás, essa oposição, diz Bergson, que introduz o negativo, não é senão fonte de falsos problemas.

Saindo dessa cilada do negativo, para Bergson, um tipo de falso problema estaria naquilo que ele chama de “*mistos mal analisados*”.

O problema da relação entre o misto e o puro aparece tematizado por Deleuze em *Bergsonismo*. Ao aplicar o método bergsoniano da intuição, Deleuze assinala uma maneira de dotar de precisão ao pensamento problematizante: um problema pode assim ganhar estatuto de tal.

A intuição é o método filosófico proposto para analisar essa relação em Bergson, um método simples, mas “*a simplicidade não exclui uma multiplicidade qualitativa e virtual, direções nas quais ela se atualiza.*”⁶⁴

O misto pode ser dividido no que Deleuze chama de *suas articulações naturais, elementos que diferem por natureza*. É a própria experiência que nos traz os mistos. Misturamos nela extensão e duração ou memória, lembranças e percepções e deixamos, na representação, sem diferenciar as naturezas díspares inerentes à matéria e memória.

⁶⁴ DELEUZE, 1999, p. 8.

A obsessão pelo *puro*, em Bergson, retorna nessa restauração das diferenças de natureza. Só o que difere por natureza pode ser dito puro, mas só *tendências* diferem por natureza.⁶⁵

Onde poderíamos designar então algum *puro* na experiência do encontro de línguas? Qual o local da diferença de natureza nesse encontro?

O misto de um encontro extensivo de línguas, em que instante poderia produzir algo disso que na epígrafe soa como língua pura?

A consciência do atual é consciência desses mistos mal analisados: inúmeros exemplos aparecem no dia-a-dia de imigrantes, de encontros de Estado, de publicidades de escolas de línguas, de piadas, onde pode se praticar um portunhol nesse nível de encontro extensivo das duas línguas.

No entanto, a epígrafe de Perlongher neste Bloco aponta uma outra busca, uma intensificação, um devir-intenso do encontro dessas duas línguas siamesas, um querer a pureza de um encontro intensivo.

O misto do encontro de línguas carrega consigo, como um ovo, essas possibilidades de engendrar um devir-intenso, essa intensidade de língua pura. O jogo aí em ato de

⁶⁵ DELEUZE, 1999, p. 15.

atualização e virtualização implica todo um construtivismo intensivo da 'pureza'.

Língua colocada a balbuciar, a delirar, a transportar-se, a viajar, a verter, a perverter, a subverter, a trans-verter, devir-louco da língua operando.

Onde? Em quem? Existem sujeitos portadores dessa tal intensidade? Saímos da experiência extensiva para a usina das condições de elaboração ficcional de um novo campo de experimentação: o do encontro de línguas siamesas obrando um problema-de-tese.

Do encontro como objeto de percepção pura para essa zona intervalar onde começa a desenrolar-se uma dramaturgia, uma ficção que tenciona ganhar consistência de *“um problema verdadeiro”*.

Recapitulando

No ensaio *Escrevendo vozes dantes* da Introdução, havia ainda uma referência, um destaque da linguagem como metáfora do mundo. Porém extraímos dessa proposição nietzscheana o impulso para ir ao encontro de um problema de *traduzibilidade* entre línguas próximas, de nova maneira.

Utilizamos inclusive a tensão envolvida no “dantes”, que poderia muito bem evocar uma conexão com um passado que daria conta de um problema de tradução, mas quase em

caráter de despedida cômica. O ‘dantes’ trazia consigo uma conotação outra: a do demoníaco, o dantesco, os demônios desatados numa operação de constituição de um problema novo.

Se a tradução nas pesquisas com pregnância benjaminiana⁶⁶ parece ter quase sempre um quê saudoso, um querer o cheiro da ruína do que não cessa de perder-se em cada passagem-de-línguas, pretendemos trazer aqui uma outra aposta: uma pragmática de *traduzibilidade* que opera e se faz em múltiplos dispositivos em fuga de qualquer melancolia do que foi.

Uma pragmática: isto é, tomada por um caso. Um empirismo, tomado como veremos, pela afirmação de um

⁶⁶ Perlongher evoca a *língua pura* em Benjamin; isto pode conter uma armadilha, referindo a língua pura a uma língua originária, língua edênica ou divina. Como a própria dramaturgia do problema de investigação desta tese vem traçando, não é esse o motor, a intensidade de *língua pura* que vai operar aqui. Para ter mais esclarecimentos sobre o porquê de uma língua originária da tradução se colocar aqui especificamente como um *falso problema*, remeto a minha dissertação de mestrado, capítulo: *A origem como problema ou a constituição de singularidades múltiplas?*. Cf. tb.: KAMPPFF LAGES, 2002, pp. 168-169: “(...) o ensaio benjaminiano abandona uma ‘concepção articulada em termos de uma oposição entre interior e exterior, focalizando a questão da *traduzibilidade* de qualquer texto e apontando para o caráter essencialmente atimimético da tradução (...) O ensaio benjaminiano sobre a tradução constitui, assim, uma referência fundamental para um tipo de reflexão que parte da aceitação da perda, secularmente pranteada, de uma origem estável e da impossibilidade de se entender a tradução em termos de uma recuperação racional de significados. (...) essa aceitação da impossibilidade de se resgatar uma suposta origem perdida constitui a própria condição de possibilidade de um pensamento ‘pós-moderno’ (...)”. V. tb. CAMPOS, HAROLDO, *Rev. USP*. [Disponível on-line. In: <http://www.usp.br/revistausp/>]: “O tradutor, o “transcriador” passa, por seu turno, a ameaçar a ruína da origem; ameaçado pelo silêncio, ele responde, afrontando o original com a ruína da origem. Esta, como eu a defino, como a procuro definir, a última *hybris* do tradutor transpoetizador. Transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução, reencenar a origem e a originalidade através da “plagiotropia”, como movimento incessante da “diferença”; fazer com que a mímesis venha a ser a produção mesma dessa diferença.”

som-são que permanentemente implode um “eu”. Já não mais, como aposta, *um outro* sendo eu, tomando o meu eu, mas eu sendo metralhado por uma multiplicidade plural que se exprime num torque, por dizer, extra-linguageiro: *são-som*.

BLOCO II

Bloco II

A liquefação do eu

É este mundo novo, dos efeitos incorporais ou dos efeitos de superfície, que torna a linguagem possível. Pois é ele, como veremos, que tira os sons de seu simples estado de ações e paixões corporais; é ele que distingue a linguagem, que a impede de se confundir com o barulho dos corpos (...)⁶⁷

Do que se tratará aqui é de experimentar a possibilidade de pensar, com base em um trabalho particular de tradução, o estado de traduzibilidade, em função de dois planos: o texto a ser traduzido (atual) e o texto que resultará da tradução (virtual, em vias de atualização).

Pode se dizer que em ambos pulsa a relação que existe entre esses dois planos, já que, por um lado, as línguas de partida e de chegada impõem seus vetores estruturais, suas linhas duras, as funções e as formas dos seus elementos. No caso que se abordará, as linhas duras parecem abrandar-se irremediavelmente, ao calor, ao sabor e ao saber das transmigrações barrocas pelas que foram e são tomadas a

⁶⁷ DELEUZE, 1998, p. 170.

línguas castelhana e portuguesa na América Latina, numa conexão imaginária neste caso entre os dois trópicos: do Caribe ao Brasil.

Pode-se dizer, ainda: nem mesmo as extremidades do vetor ou cordão fraternal, a irmandade que une e desune estas duas línguas tão próximas, estão afixadas em suportes estáveis. Pois, ambas, são momentâneas condensações de múltiplas linhas intensas que as perpassam, dotando-as a cada instante, para o tradutor, de uma bruma ressoante ao que lhe é exterior, incluindo muitas outras línguas ou dialetos ou patoás, sem colocar nesta última cadência nenhuma hierarquia ou preferência.

Por outro lado, há de se levar em consideração o fato do tradutor estar tomado por um estado em que não pode perder a pulsação do plano de imanência atravessando o texto a ser traduzido. Seu próprio estado de traduzibilidade deve 'transportar' esse plano para o texto que está em vias de aportar na segunda língua.

Como esse transporte é uma individuação⁶⁸ intensiva (o torque que designaremos como individuante-individuado, é o

⁶⁸ SIMONDON, 2003, p. 98-100.: “O princípio de individuação será investigado como um princípio capaz de explicar os caracteres do indivíduo, sem relação necessária com outros aspectos do ser que poderiam ser correlativos à aparição de um real individuado. *Tal perspectiva de investigação atribui privilégio ontológico ao indivíduo constituído.* (...) existe *uma zona obscura* que recobre a operação de individuação. Esta operação é considerada como coisa a explicar e não como aquilo em que a explicação deve ser encontrada: daí a noção de princípio de individuação. E a operação é considerada como coisa a explicar, porque o pensamento tende para o ser individuado acabado, do qual é necessário dar uma explicação, passando pela etapa da individuação para chegar ao indivíduo após a operação. Se, ao contrário, supuséssemos

texto que o tradutor-em-estado-de-transporte está em vias de atualizar), o conceito de hecceidade (ou melhor, ecceidade):

Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de *hecceidade*⁶⁴. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado.”⁶⁹

Esta questão é, portanto, fundamental na compreensão deleuzeana da individuação intensiva. Idéia esta transversal à de individuação, pois nos ajuda a pensar o próprio tradutor tomado por devires imperceptíveis.

Partimos então dessas premissas e nos embrenhamos numa narrativa quase que forçada por solicitações de *amizade*⁷⁰. Saímos em busca de *um* canto que, como disse

que a individuação não produz apenas o indivíduo, não procuraríamos passar rapidamente pela etapa de individuação para chegar a esta realidade última que é o indivíduo; tentaríamos apreender a ontogênese em todo o desenvolvimento de sua realidade, e *conhecer o indivíduo pela individuação e não a individuação a partir do indivíduo.*” São importantes também os esclarecimentos de STENGERS, [Disponível online: http://multitudes.samizdat.net/spip.php?article1574&var_recherche=Resister-a-Simondon]

⁶⁹ DELEUZE & GUATTARI, 1980, v. 4, [p. 317] 24: “Acontece de se escrever ‘*ecceidade*’, derivando a palavra de *ecce*, eis aqui. E um erro, pois Duns Scot cria a palavra e o conceito a partir de *Haec*, ‘esta coisa’. Mas é um erro fecundo, porque sugere um modo de individuação que não se confunde precisamente com o de uma coisa ou de um sujeito.

⁷⁰. Pelas implicações da *amizade* – conector* decisivo no material-base e no afeto-de-musa, inspirador do tempo final de feitura deste Bloco II da tese – e pelo exercício de despersonalização do *eu* que aqui se atualiza, evoco algumas

Blanchot ao falar do *Ulisses* e o canto das Sereias, é ele próprio uma navegação, uma viagem, um movimento de *expressão do máximo desejo*. Um canto-de-Sereias, “essa navegação feliz, infeliz, que é a da narrativa, o canto já não imediato, mas contado, por isso agora aparentemente inofensivo, ode que se tornou episódio.”⁷¹

Traduzir *um* canto, como veremos, irá determinar que esse *um* esteja infinitamente (em velocidade infinita) longe de determinar qualquer unidade, qualquer relação ou caminho unilinear.

referências que faz Deleuze a respeito desta questão: “*Philosophos* não quer dizer sábio, mas amigo da sabedoria. Ora, de que estranha maneira é preciso interpretar ‘amigo’: o amigo, diz Zaratustra, é sempre um terceiro entre eu [je] e eu [moi], que me impele a me sobrepular e a ser sobrepulado para viver.” DELEUZE, s/d, p. 12. V tb. *O abecedário de Gilles Deleuze [L’Abécédaire de Gilles Deleuze]*, transcrição-tradução disponível on-line. In: http://br.geocities.com/polis_contemp/deleuze_abc.html: “Por que se é amigo de alguém? Para mim, é uma questão de percepção. É o fato de... Não o fato de ter idéias em comum. O que quer dizer ‘ter coisas em comum com alguém?’ Vou dizer banalidades, mas é se entender sem precisar explicar. Não é a partir de idéias em comum, mas de uma linguagem em comum, ou de uma pré-linguagem em comum. Há pessoas sobre as quais posso afirmar que não entendo nada do que dizem, mesmo coisas simples como: ‘Passe-me o sal’. Não consigo entender. E há pessoas que me falam de um assunto totalmente abstrato, sobre o qual posso não concordar, mas entendo tudo o que dizem. Quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e elas a mim. E não é pela comunhão de idéias. Há um mistério aí. Há uma base indeterminada... É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de idéias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto. Tenho uma hipótese: cada um de nós está apto a entender um determinado tipo de charme.”

* DELEUZE, 2001, p. 93. Sobre os conectores: “(...) *umentam as conexões do desejo no campo de imanência (...)* Um conector é “*uma série excepcional, que se multiplica por si mesma e que perpassa e faz vibrar todos os segmentos.*” Os conectores não apenas estão no vinco de muitos segmentos, mas cada um deles, em tal ou qual segmento, “*está em ‘contato’, em ‘união’, em ‘contigüidade’ com o essencial.*” [tradução minha a partir da ed. castelhana]

⁷¹ BLANCHOT, 1984, p. 13.

Uma colaboração de tradução com um outro encontro circense-musical⁷², um encontro libertário entre *palhaço e criança e música*, originou a intensidade⁷³ desta trama, de encontro com *um* canto a ser traduzido. Estou falando da canção cubana *Bruca Maniguá*⁷⁴, cujo grande intérprete destes tempos foi o falecido Ibrahim Ferrer. O foco deste encontro, e o relato dele, detém-se em sua velocidade, já no começo da música:

Yo son carabalí.

Yo son - que combinatória de flexão de verbo e pronominal é essa? Primeiro passo, a intuição interna⁷⁵ de que

⁷² Colaboração para a conferência *Imagem de palhaço e liberdade*, de Luiz B. L. Orlandi, 6/10/05, no encerramento do VI Simpósio Internacional de Filosofia: Nietzsche e Deleuze – Imagem, Literatura e Educação. Fortaleza: 2-6/10/2005. In: LINS, D. (Org.). *Nietzsche e Deleuze: Imagem, Literatura, Educação*. Rio de Janeiro: Forense, 2007, pp; 182-192. Disponível on-line. In: Revista *Alegrear*, n 3.: http://www.alegrar.com.br/03/textos_alegrar_03/3_imagem.pdf

⁷³ Op. cit. A questão colocada na abertura da conferência: “como levar um enredado discursivo, alinhado entre criança e palhaço, a misturar-se com um subsequente canto em prol de certa liberdade, de tal modo que, através de uma “distorção dos sentidos”, através de uma agitação do imaginário, possamos experimentar aqui a junção, a “coalescência” de uma imagem intensiva?”

⁷⁴ Compositor: Arsenio Rodríguez (1911-1970), gravada na versão mais conhecida em 1937, por Miguelito Valdés. Audível. In: <http://www.musica.cult.cu/musica.htm>

Buena Vista Social Club presents Ibrahim Ferrer World Circuit, 1999, gravado em Havana, 1998, p 2 do encarte: “O álbum abre com *Bruca Maniguá*, cuja primeira composição foi gravada pelo lendário Arsenio Rodríguez. Essa nova versão é inspirada nos arranjos feitos originalmente por Anselmo Sacasas e gravada pela orquestra *Casino de la Playa* em 1937. Cantadas num patoá que mistura espanhol e línguas africanas, as letras contam a estória dos negros escravos que fugiram para as montanhas Maniguá, escapando assim do sofrimento.”

há aí *algo* que vai merecer um preciso empreendimento, de longa escala, uma navegação da qual não se sabe de antemão que efeitos e resultados podem surgir.

A convocatória era uma tradução do espanhol para o português, mas esse primeiro verso, e os seguintes também, indicam que aí não temos um texto em espanhol:

Bruca Maniguá

Yo son carabalí

negro de nación.

Sin la libertad

no pue'ó vivi'.

Mundele cabá,

con mi corazón,

tanto maltratá,

cuervo ta'furí eh

Mundele cumba fiote

siempre ta'ngarua'cha.

⁷⁵ DELEUZE, 1999, pp. 96-97: "A intuição é o gozo da diferença. Mas ela não é somente o gozo do resultado do método, ela é o próprio método. Como tal, ela não é um ato único, ela nos propõe uma pluralidade de atos, uma pluralidade de esforços e de direções.

queta' por mucho,

que yo lo ndinga

siempre ta'maltratá.

Ya ne me tabá

Labio de buirí (x2)

coro Yenyere Bruca Maniguá.

Abre cuita buirindingo

Bruca Maniguá Aé.

Si ramento suaro suare

Bruca Maniguá Aé.

coro Ae, Chéchere

Bruca Maniguá.

Como un tienda derechito

Bruca Maniguá Aé.

Un paso, un paso

Ubbe Yobolle ila

Bruca Maniguá Aé.

Ya yorrucu mandengo,

Bruca Maniguá Ae.

Yo son carabalí, son mandinga

quiero mi libertad Ae

Congo tiene teremende,

Bruca Maniguá Aé yaeooo

Yo ta'tantando,

lo mundele,

Bruca Maniguá Aé.

Que esa negra

A mí me engaña,

Bruca Maniguá Aé (x2)

De épocas que evoquei em carácter introdutório nesta tese, conheço pessoas de diferentes lugares da América Latina, que formaram uma equipe de tradutores que liderei como editor de jornal.

Miguel é cubano e negro⁷⁶. A ele convoco para ouvirmos o canto. Dia feriado, feijoada e cachaça - sei que ele gosta. E ao trabalho. Ele saiu de Cuba há muitos e muitos anos. Formara-se engenheiro na antiga URSS. Porém, trabalha como professor de língua espanhola e como tradutor.

⁷⁶ Agradeço a Miguel Arango Moral, pela generosa contribuição nesse trabalho.

E não escuta com bons ouvidos Ibrahim Ferrer – não gosta muito dessa coisa feita na América por Wind Wenders e o *Buena Vista Social Club*.⁷⁷ Mas topa trabalhar comigo, isso lhe agrada.

Coloco o som, um *son* cubano. O semblante de Miguel começa a se transformar, uma estranha revolta parece tomar seu corpo, suas feições. E pasmem! Com os primeiros acordes da melodia, começa a cantar uma música *outra*: não é Bruca Maniguá.

Primeira conexão: o arranjo que interpreta Ibrahim Ferrer envolve variadas superposições, intensidades rítmicas e poéticas. Na introdução melódica, principalmente, vibra uma antiga música cubana chamada *Lamento esclavo* [“Lamento escravo”] de Eliseo Grenet (1893-1950)⁷⁸.

Segunda conexão: *yo son?* Para o amigo cubano, não passa de um jeito de falar *naturalizado* na sua língua materna cubano-caribenha. Não no meu ouvido, por sinal, proveniente fisicamente de uma outra regionalidade hispânica no que tange à língua materna.

Traduzir, ou o *estado de tradução* no tradutor, implica se deixar arrasta por uma linha de fuga dessa naturalidade. É dar

⁷⁷ *Buena Vista Social Club* (Documentário) Direção Win Wenders, Alemanha, Cuba, Estados Unidos, França, Inglaterra: 1999, 105', color., DVD, leg. português.

⁷⁸ Audível. In: <http://boleadora.com/medleyes.htm>. Eis a recriação dela em português: Escravo sou,/ negro nasci/ negra é a minha cor/ e negra é a minha sorte/ coitado de mim./ Sofrendo eu vou/ tão cruel é a dor/ que segue até a morte// Sou lucumi cativo/ Sem a liberdade/ eu não vivo/ Vai, minha nega Pantcha!/ vamos dançar/ que os congo livre/ algum dia serão.

passagem ao risco de ser levado por fluxos de transe, de ser tomado por vibrações e intensidades efetuadas na corda bamba que ora se estica ora se abranda entre duas línguas. E nem mesmo essas extremidades consistentes em duas línguas estão fixadas, pois são apenas momentâneas condensações de feixes de linhas intensas que perpassam as línguas implicadas, dando a estas uma espécie névoa de ressonâncias com o exterior, seja de outras línguas, ou de camadas extra-lingüísticas.

Algo na audição toma conta do instante e arrasta consigo toda a trama, desmanchando os contornos do eu, do outro, dos suportes de uma comunicação que até um momento atrás pareciam estáveis:

Há um certo tipo de individuação que não reporta a um sujeito (Mim), nem mesmo à combinação de uma forma e de uma matéria. Uma paisagem, um acontecimento, uma hora da tarde, uma vida ou um fragmento de vida...procedem diferentemente. (...) Não é o som que remete a uma paisagem, mas a música, ela própria, que envolve uma paisagem propriamente sonora que lhe é interior.⁷⁹

No caso, surge o que chamarei de uma *intensificação poética*⁸⁰, envolvendo a flexão do verbo ser, eu sou, e o

⁷⁹ DELEUZE, G. *Deux régimes de fous*, 2003, pp. 142-146. (Tradução de textos de Tomaz Tadeu)

⁸⁰ ORNSTON, 1999, p. 33. O autor caracteriza assim a noção de *Verdichtung* de Freud: "intensificação poética" ou "composição verbal". Op. cit., p. 34, ele lembra que *dichtung* significa poesia, e *dichter*, poetas; e ainda esclarece que Freud cita uma ampla variedade de *dichter*, como provas e autoridades irrefutáveis em psicologia humana. V. tb. CAMPOS, HAROLDO, 1997, p. 20, referindo-se à *poiésis como fazer incessante*. E também nesse sentido, evocando a operação

indefinido um [soy *um* = sou um] que, por sua vez, é atravessada pelo *son*⁸¹, [que dicionarescamente é também som, em castelhano], ritmo típico cubano, e ainda a terceira pessoa do plural, portanto equivalente a “eu são”.

tradutora que ele prefere chamar *trans-criação*. Idem., p. 46: “A diferença entre a tradução referencial, do significado (que muitos entendem com literal ou servil), e a prática semiótica radical que se enquadra no paradigma regido pela idéia de *trans/criação* é uma diferença, por assim dizer, ontológica (...) O tradutor/transcriador, nesse sentido, é um coreógrafo da dança interna das línguas, valendo o sentido (o assim chamado conteúdo) como bastidor semântico ou cenário pluridesdobrável dessa coreografia móvel de signos.” (Desenvolvi também conexões sobre essa noção de transcrição na minha dissertação de mestrado)

⁸¹ Sobre o ritmo cubano do “son”, lemos em *Y cantan en el llano*, na tradução Tomaz Tadeu [www.tomaztadeu.com]: “Ao longo de todo o século XIX, mesclam-se nos campos do Oriente* de Cuba elementos musicais hispânicos e africanos, enriquecidos com uma dose de música francesa, levada pelos ventos do vizinho Haiti. É nos finais do século que a emulsão se estabiliza e se arrisca timidamente nas ruas de Santiago e de Havana, graças a seus trovadores. Nascia, assim, o *son*. Alguns dizem que o *son* está para Cuba como o *blues* está para os Estados Unidos. Com efeito, as melodias espanholas estão aglutinadas com ritmos africanos, em que reina a *clave*** . A antecipação característica do *tempo* que a insemna de swing e elegância, a alternância das estrofes e os refrões em forma de pergunta-resposta entre o cantor principal e o coro, os textos simples e resumidos, levando à cena a vida de todos os dias: o *son* é cortês por sua idade e suas culturas populares, é eterno e ultrapassa qualquer tipo de moda. Há um século que o *son* viaja, tendo feito a volta ao mundo. Mas ela se mantém definitivamente marcado por sua infância camponesa. Hoje, sua sobriedade natural privilegia ainda mais os instrumentos simples e portáteis, violões às vezes improvisados, percussões ligeiras e fáceis de fabricar. Embora freqüente as cenas mais prestigiosas, embora seja a essência das músicas que arrebatam discos e mais discos de ouro, em que os intérpretes são estrelas, isso não é suficiente para fazer-lhe virar a cabeça. Ele prefere definitivamente seu Oriente natal, à hora em que o sol se põe por trás das colinas, quando a jornada de trabalho chega ao fim e a gente larga o facão para pegar o violão e cantar com alguns amigos as penas e as alegrias dos homens.”

* Assim se denomina a região leste de Cuba, que desenvolveu e conservou a especificidade de sua cultura, impondo-se à rival Havana, a capital, situada a 1.000 km de distância.

** Dois pedaços cilíndricos de madeira dura que se percute um contra o outro. Esta percussão tão simples, que nasce no porto de Havana, é a coluna vertebral de toda a música latina. É a ela que seguimos, é sobre ela que se apóia toda a orquestra. Ela é, em geral, compasso rítmico, ela é a pulsação principal: o verdadeiro coração.

Impossível *dizer* a coisa em português sem desdobrá-la, pelo que cabe assinalar que os desdobramentos que surgirão aqui são, não um esforço por fazer encaixar o produto da atividade tradutora num resultado reflexivo, mas uma necessidade impelida pelo exercício pragmático que essa nova *sintaxe criativa*⁸² pede.

Mas antes, deixemos aqui, como registro, a tradução completa, com alguns esclarecimentos das escolhas envolvidas nessa *sintaxe criativa*.

Eu som⁸³ carabalí⁸⁴

⁸² DELEUZE, 2000, p. 164-165. “Todo novo estilo implica não um “golpe” novo, mas um encadeamento de posturas, isto é, um equivalente de sintaxe, que se faz com base num estilo precedente e em ruptura com ele. As melhorias técnicas só têm seu efeito se tomadas e selecionadas num novo estilo, que elas não bastam para determinar. Donde a importância dos “inventores” no esporte, são os intercessores qualitativos”. V. tb: DELEUZE, 1997, pp 15-16: “criação sintática, estilo, tal é o devir da língua: não há criação de palavras, não há neologismos que valham fora dos efeitos de sintaxe nos quais se desenvolvem. V. tb., ALMEIDA, 2003, pp. 131-159, cap. *Pragmática do estilo e agramática.*”

⁸³ [som]: Intensificação poética, envolvendo a flexão do verbo ser, em sou, e o indefinido um [soy um = sou um] que, por sua vez, é atravessada pelo *son*, [que dicionariamente é também som, em castelhano], ritmo típico cubano, e ainda a terceira pessoa do plural, equiparável portanto a “eu são”.

⁸⁴ [Carabalí]: Segundo o dicionário de espanhol da Real Academia Espanhola, indivíduo da raça negra da região africana da costa de Calabar; pessoas famosas pelo caráter indomável. Calabar. V. tb: “Os grupos étnicos africanos mais importantes estabelecidos em Cuba são: o *Ioruba*, originário do sul da Nigéria; o *Ewe-fon*, atual Benin; o *Banto*, do Congo e Angola; o *Mandinga*, do Sudão, e o *Carabalí*, da região do rio Calabar, no sudeste da Nigéria. Começa no fim do século XVI o processo pelo qual se formaram as diferentes sociedades de negros, agrupados nas chamadas irmandades ou confrarias [*cabildos*]. A intenção dos espanhóis (...) era com isso exercer um controle eficaz sobre a população escrava, mas, involuntariamente produziram um efeito culturalmente valioso para o surgimento do complexo panorama musical de essência cubana: a conservação de alguns rituais religiosos transplantados da África (...). O musicólogo cubano Argeliers León explica esse ‘encontro destas duas culturas: *‘Por causa do*

e negro da nação.⁸⁵

Sem a liberdade

não posso vivê.

O mundele⁸⁶ acaba

cum meu coração,

di tanto maltratá,

o corpo tá furi⁸⁷, ah!

O mundele fala fiote⁸⁸

sempre tá na garoa, mole.

Eta! Por muntcho

desenraizamento do meio natural e social originário, os africanos conservaram principalmente aqueles elementos culturais que lhes permitiriam conectar-se ao passado, à história, e isso constituiu para eles o único vínculo com eles mesmos (obviamente identificável diante do europeu opressor) e significava o único elemento de continuidade social e sustentação no coletivo’. [tradução minha] In: Revista *Huellas*. [Disponível on-line: <http://www.uninorte.edu.co/publicaciones/upload/pdfs/huellas>]

⁸⁵ [nação]: A nação como evocação de algum coletivo tribal.

⁸⁶ Dicionário *Houaiss*, do quimbundo, regionalismo de Angola: pessoa da raça branca. (É usado também no Congo, na língua lingala).

⁸⁷ [furi]: Pode ser doído [?].

⁸⁸ [fiote]: Voz da língua ibinda, do povo Cabinda. Usada em forma pejorativa pelos portugueses em Angola. V. <http://www.geocities.com/cabindalivre/lingua.html>

que eu ndinga
sempre a maltratá.

Já nem tava lá

lábio de rubi

coro lenierê Bruca Maniguá.

Chora mágoa buirindingo^{*89}

Bruca Maniguá, Aiê!

ocê lamenta, suando, suado

Bruca Maniguá, Aiê!

coro Aiê, Tchêcherê

Bruca Maniguá.

⁸⁹ Muito tempo depois de feita essa tradução, encontrei uma outra versão para essa linha, na versão histórica, cantada por Miguelito Valdez: *abre cuta güiri ndinga*, isto é, *abre os ouvidos e escuta o que eu te digo*. In: *Las lenguas afrocubanas*. [Disponível on-line: <http://www.hispanocubano.org/cas/cul3c4.pdf>]

Como tenda errante

Bruca Maniguá, Aiê.

Um passo, outro passo

Ubbe lobilê Ilá

Bruca Maniguá, Aiê!

Já iorrucu, mambembe!

Bruca Maniguá, Aiê!.

Eu som carabali; som mandinga

Eu quero é a minha liberdade, Aiê!

O Congo tem teremendê,

Bruca Maniguá Aiê iaiêooo

Eu tá tantando.

Oh! Mundele,

Bruca Maniguá, Aiê!

Que essa nega

tá me enganando,

Bruca Maniguá, Aiê! (x2)

A fórmula

Desdobremos então essa torção-distorção de sentido ou duplo torque que se exprime na proposição poética, que poderíamos definir numa fórmula:

Eu som

Eu são

Eu som

Tomemos então a instável configuração de superfície que surge na língua de chegada. O estranhamento aparece de antemão. Parece que *eu som* nos impõe a sensação de não poder começar a leitura em termos de *ratio*, pois em lugar de surgir o verbo, isto é, em lugar de nos fazer ler, dizer *eu faço*, *eu sou*, *eu durmo*, *eu piro*, somos como que obrigados à insensatez de dizer *eu som*.

Eu som não coloca o eu para funcionar no lugar do artigo, por exemplo, como ao dizer “o som”. *Eu som* efetua uma contração que, desconectada dessa primeira partícula, o artigo, se impõe em sobreposição ao plural *são*, que opera como sub-escrito, sub-dito, efetuação já existente em outros lugares da história da língua portuguesa⁹⁰. *Eu som* não remete a nenhuma

⁹⁰ V., por exemplo, a contração *mõ*, para *mão*. In: *O horizonte da língua bandeirante*, revista Pesquisa FAPESP, n 72, fev 2002. [Disponível on-line: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/index.php?art=1670&bd=1&pg=1&lg>]
 “Pronúncias típicas do século 17, como em ‘tchapéu’ e ‘tchuva’ ou o ditongo nasal [õ] por [ãw], como em ‘mão’ [mõ], ‘muntcho’, por ‘muito’, que se apagaram mesmo em cidades do interior, e hoje ainda se realizam no Norte de Portugal, são ouvidas no interior de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo. No sul de Minas e no interior paulista, encontraram-se expressões como ‘dá uma esmolna pol’amor de deus’, que remontam ao português do século 13, em que o atual ‘esmola’ era tomado por ‘eleemosyna’, depois ‘esmolna’. Muitas palavras obsoletas estão em uso. Em Minas, há ‘demudar’ usado no lugar de ‘mudar’, assim como, em vez de ‘possuir’, a preferência por ‘pessuir’ ou ‘pessuido’, do século 18. O também obsoleto ‘despois’, em uso no sul de Minas, remonta a obras arcaicas, de uso culto nos séculos 15 e 16. ‘Preguntar’, usada no século 17 alternadamente com ‘perguntar’, também foi encontrado. São do português arcaico do século 13 a meados do 16 que remontam as formas ‘quaje’ ou ‘quage’ (o atual ‘quase’), ‘quige’ (“quis”), ‘fige’ (‘fiz’). Os sufixos de derivação, como em ‘mensonha’ (que remonta ao século 13) e ‘mentreiro’ (Gil Vicente), sinônimos de “mentira” e “mentiroso”, ainda hoje pontuam a fala interiorana, preservada pelos informantes do *Filologia Bandeirante*”. V tb. Maria Nazareth Soares Fonseca, *Afrodicções: matéria de poesia*. In: http://www.geocities.com/ail_br/afrodiccoes.html

atribuição do eu como contorno humano⁹¹, a nenhum atributo do eu dizível, verbalizável, mas diz *um eu* que já não mais *se diz* em clave de palavra, mas *se traduz* em clave musical. O corpo do eu é tomado por *um* ritmo, composto por sua vez por infinitas e inapreensíveis camadas rítmicas, numa pulverização exterior à consciência que nos faz dizer: *eu*.

Eu som, música andante em ritmo de desumanização - não que o humano desapareça, mas é tomado por uma polifonia de vozes, deriva musical que acompanha trajetos de migrações, navios negreiros, a senzala e o *batey* dos engenhos do Caribe, sorrisos e torturas, gritos e uivos, instrumentos de percussão e instrumentos de opressão e de liberdade...⁹²

⁹¹ E divergente com um certo “respeito” a diferença, pois não se fala aqui de divergência-de-ser. “Respeitar a diferença não pode significar ‘deixar que o outro seja como eu sou’ ou ‘deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)’, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra ‘relativamente a mim’ ou ‘relativamente ao mesmo’, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. In: TADEU, 2000 p. 73-102. [Disponível on-line. In: http://www.lite.fae.unicamp.br/papet/2003/ep403/a_producao_social_da.htm]

⁹² Desumanização coextensiva a noção simondoniana de transdução: “Por transdução entendemos uma operação física, biológica, mental, social, por que uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio, fundando esta operação sobre uma estruturação do domínio operada por regiões: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição à região seguinte, de modo que uma modificação se estende, assim, progressivamente ao mesmo tempo que esta operação estruturante. Um cristal que, a partir de um germe muito pequeno, aumenta e cresce em todas as direções em sua água-mãe, fornece a imagem mais simples da operação transdutora: cada camada molecular já constituída serve de base estruturante à camada em formação; o resultado é uma estrutura reticular amplificada. A operação é uma individuação em progresso; no domínio físico, ela pode efetuar-se de maneira mais simples sob forma de reiteração progressiva; mas em domínios mais complexos, como os domínios de metaestabilidade vital ou de problemática psíquica, pode avançar com um passo constantemente variável e estender-se em um domínio de heterogeneidade; há transdução quando há atividade que parte de um centro do ser, estrutural e

Composição de sentido em coalescência⁹³ que exprime *um eu* ritmado e não pensado, ou um outro tipo de pensamento musical e extra-humano, pois:

(...) a música não é privilégio do homem: o universo o cosmo é feito de ritornelos; a questão da música é a de uma potência de desterritorialização que atravessa a Natureza, os animais, os elementos e os desertos não menos do que o homem.⁹⁴

Som tomando o eu, fluxos de musicalidades tomando *um eu*, que quando diz, diz que sente “natural” esse modo de dizer. *Eu* que não determina nenhuma consistência-de-ser, senão a de um emaranhado atual que diz *um canto*. Música *son* [som] que tem na boca humana o suporte de uma produção de sentido para “*que o som não musical do homem faça bloco com o devir música do som, que eles se afrontem e se atraquem, como dois lutadores que não podem mais derrotar um ao outro*”⁹⁵.

funcional, crescendo em diversas direções a partir deste centro, como se múltiplas dimensões do ser aparecessem em torno deste centro; a transdução é aparição correlativa de dimensões e de estruturas em um ser em estado de tensão pré-individual, isto é, em um ser que é mais que unidade e mais que identidade, e que ainda não se defasou em relação a si próprio em múltiplas dimensões. V. SIMONDON, 2003, *A gênese do indivíduo*, 2003, p. 112. V. tb. ORLANDI, 2003, *O indivíduo e sua implexa pré-individualidade*, p. 94: ao inverso da *dedução*, esta operação que “procura alhures um princípio para resolver o problema de um domínio”, a transdução, mais sutil, deve “extrair das próprias tensões” desse domínio a “estrutura” capaz de resolvê-las; isto também quer dizer, por outro lado, que, embora a *indução* procure também extrair estruturas da “análise dos próprios termos do domínio estudado”, ela acaba fraquejando ao conservar tão-somente o que “há de comum a todos os termos”, ao passo que a transdução procura “descobrir dimensões”, vasculhar a problemática, detectar disparidades etc., e dizer tudo isso com “a menor perda possível de informação”.

⁹³ DELEUZE & GUATTARI, 1997, v 4, p. 112 [380]. “(...) a fim de sugerir a idéia das relações entre os tempos infinitamente longos das estrelas e das montanhas, e infinitamente curtos dos insetos e dos átomos: poder elementar, cósmico, que (...) vem antes de mais nada do trabalho rítmico.”

⁹⁴ Op cit., pp. 112-113 [380].

⁹⁵ Op cit.

Eu são

(...) Não é que se salte de uma língua a outra, como em um bilingüismo ou um plurilingüismo; é, antes, que há sempre, em uma língua, uma outra língua, ao infinito. Não uma mistura, mas uma heterogênese (...) É como se todo sujeito de enunciação contivesse outros que falam, cada um, uma língua *diferente*, uns nos outros.⁹⁶

Numa carta a Kuniichi Uno⁹⁷, seu tradutor japonês, Deleuze conta como foi para ele, a escrita plural engendrada no seu encontro com Guattari. Diz de certa *monstruosidade* dessa escrita plural: juntos dariam um bom lutador japonês.

A monstruosidade, diz Deleuze numa outra conversa, tem dois planos: um indica *um ser composto*, o outro, “*alguma coisa ou qualquer um cuja extrema determinação deixa subsistir o indeterminado (por exemplo, um monstro ao estilo de Goya).*”⁹⁸

No nosso caso, também a determinação do eu que fala está sob tensão retroativamente por uma dupla determinação: em primeiro lugar, o *eu som* na fórmula que inventamos, aquela anteriormente comentada, altera decisivamente a própria

⁹⁶ DELEUZE, G. *Deux régimes de fous*, 2003, pp. 343-347. [Tradução de Tomaz Tadeu.]

⁹⁷ Idem, pp. 218-220. [Tradução Tomaz Tadeu.]

⁹⁸ Idem, pp. ?. Arnaud Villani. *La guêpe et l'orchidée*. Paris: Belin, 1999, pp. 129-131. [Tradução Tomaz Tadeu.]

constituição-de-ser do eu mediante a invasão, a usurpação⁹⁹ do som [son] rítmico, musical.

Em segundo lugar, mesmo que estas duas colocações não remetam a uma hierarquia ou primazia cronológica, surge aquilo que poderia ser considerado como uma aberração na sintaxe: *eu são* [yo son].

Mais uma vez, uma naturalidade na camada interpretativa do meu colaborador cubano: “lá se fala assim, e pronto.”

Não é que não haja toda uma trama de naturalidades destoantes e discordantes que este tradutor, com seus dez anos em São Paulo, não consiga detectar, das mais audíveis nas ruas [*nós faz, nós é*, etc] até aquelas que apareceram para exprimir inclusive o carácter monstruoso de um fenómeno de multidão e por isso de grande potência política: *Lula é muitos*¹⁰⁰.

Também não se tratar de reivindicar aqui uma certa moldagem estilística. No caso, cabe acompanhar também esta pontuação que faz Deleuze no mesmo prefácio sobre o estilo, na

⁹⁹ Uma hipótese não desenvolvida nesta tese indica que haveria este procedimento de usurpação vital ou *biourrupção* sem sujeito e sem consciência, num nível microscópico, e uma operação de *biogrilagem* que se observa, por exemplo, quando o rolo compressor midiático traduz toda e qualquer expressão de combatividade nos países árabes na fórmula: Jihad = Guerra Santa.

¹⁰⁰ Slogan que acompanhou o *Manifesto pela Radicalização Democrática no Brasil* em 2005, que traduzi para o castelhano. [tradução e edição, sob o título *Por uma multiplicación democrática em Brasil*. Disponível on-line. In: http://www.dialogica.com.ar/2005/08/por_una_multiplicacion_democra.php]

epígrafe. O estilo aparece em ocasiões *“como não-estilo, e constitui a loucura da língua, seu delírio.”*¹⁰¹

Em outras, *quando se diz que o “estilo é como uma língua estrangeira”,* na célebre referência de Proust, *“não se trata de uma língua diferente da que falamos, trata-se de uma língua estrangeira na língua que falamos.”*¹⁰²

Duas observações sobre o estilo que parecem se sobrepôr no caso em questão ao combinar *um eu* com a forma plural, *são*. Como se conjugam, numa mesma construção estilística, o delírio, a loucura, o transe e a estrangeirice, na língua própria? De quem é essa estrangeirice, o delírio, a loucura? A quem são dirigidos? A quem esse apelo?

¹⁰¹ Op cit, pp. 343-347. [Tradução de Tomaz Tadeu]

¹⁰² Ibidem: “uma língua não se decompõe em elementos, mas em línguas ao infinito, que não são línguas diferentes, mas com as quais o estilo (ou o não-estilo) comporá uma língua estrangeira na língua. O que a lingüística considera como determinações secundárias, a estilística, a pragmática, tornam-se aqui fatores primeiros da língua. O mesmo problema se encontra em outro nível: a lingüística considera constantes ou universais da língua, elementos e relações; mas para Passerone e os teóricos aos quais ele recorre, a língua não tem constantes, ela só tem variáveis, e o estilo consiste em colocar as variáveis em variação. Cada estilo é uma tal colocação em variação, que é preciso seguir e definir concretamente.”

Discurso indireto livre – agenciamento coletivo de enunciação

Lembremos então, que não se trata de qualquer *eu são*.

Eu são carabali

Uma remissão evoca um coletivo perdido no tempo, mas presente e atualizado a ponto tal de poder arrastar consigo a própria configuração da língua: *eu [não] sou carabali - eu são*. *Um* eu que diz vozes, e exprime esse dizer em plural, na sua língua, porém estrangeira de antemão, e arrasta essa língua à insensatez de uma monstruosa indeterminação coletiva.

Um eu que não delimita seus contornos, a sua geografia dizível, como indivíduo Uno ou totalidade: *eu são, uma* multidão, *são uma* matilha, *são uma* multiplicidade-que-canta.

Trans-versão: dos sinais do mundo aos signos

Deleuze, em 1982, numa *Carta a Uno sobre a linguagem*¹⁰³ diz não considerar a linguagem capaz por si só de qualquer suficiência: *a “linguagem não tem suficiência alguma. É nesse sentido que ela nada tem de significante.”*

¹⁰³ Publicada em DELEUZE, 2003, *Deux régimes de fous*, pp. 185-187. Utilizo aqui a tradução de ORLANDI, e a publicação da revista catalã *Archipiélago*, n 29.

Mas qual a consistência da linguagem nessa insuficiência? Qual o seu engate ou a sua relação com o mundo, para Deleuze, se ela nada tem a significar?

Em primeiro lugar, a linguagem para Deleuze é feita de signos. E por que a insuficiência? Pois, porque para ele, “os signos são inseparáveis de um elemento totalmente distinto, não lingüístico”, que pode ser chamado de 'estados de coisas', ou, melhor ainda, de 'imagens'. E as imagens, ou os estados de coisas, têm evidentemente uma existência em si [Bergson]. Pois bem, Deleuze vai denominar a essa composição entre imagens e signos de '*agenciamento de enunciação*', dotado de mobilidade no mundo.

Por outro lado, Deleuze afirma que a enunciação não remete a um sujeito. Não há um sujeito de enunciação, tão-só há o agenciamento. “*Isso quer dizer que há, num mesmo agenciamento, 'processos de subjetivação' que vão designar diversos sujeitos, uns como imagens e outros como signos.*”

Deleuze argumenta que toda enunciação faz pé no 'discurso indireto livre: “*uma enunciação tomada num enunciado que depende, ele próprio, de uma outra enunciação. Por exemplo: 'Ela junta suas forças, morrerá ao invés de trair...*”

Dirá depois que toda enunciação transcorre “*em diversas vozes*”. E ademais, que as metáforas não existem. Trata-se o discurso indireto livre, a única 'figura', coextensiva à linguagem.

No agenciamento há processos que, nesta ocasião, Deleuze chama processos de subjetivação, que farão com que se distribuam sujeitos-signos e sujeitos-estados de coisas, sujeitos-imagens.

Mantendo a idéia de individuação inicial para designar esses “processos de subjetivação” na tensão entre a individuação extensiva (hecceidade) e intensiva (ecceidade), acrescentaremos aqui uma série de relações relativas a esse jogo de distribuição individuante.

Diremos então que o som [son] a ser traduzido emitiu um sinal desde uma certa naturalidade do estado de coisas, no presente-canção – atual.

Esse sinal chega a nossos ouvidos (do tradutor em estado de tradução) como signo, como chamado, como *um canto*, névoa de virtualidades pedindo para serem decifradas.

Eis a hipótese de passagem entre os dois planos do texto a ser traduzido e o texto produto da tradução: rearranjos multi-causais no jogo ou caótica de distribuição individuante.

BLOCO III

Bloco III – O devir intenso da viagem

(...) A alma não deve acumular defesas à sua volta, não deve retirar-se para procurar o céu dentro de si, em êxtases místicos. Não deve clamar por um deus transcendente, pedindo para ser salva. Deve fazer-se à estrada larga, à medida que a estrada se vai abrindo ao desconhecido, na companhia daqueles cuja alma os leva para junto dela, nada realizando além da viagem. E das obras inerentes à viagem, à longa viagem de uma vida inteira rumo ao desconhecido, através da qual se realiza a alma, nas suas subtis simpatias.¹⁰⁴

Dizíamos, no Bloco I, com Deleuze e Bergson, que só na experiência há encontro de mistos. Isto vem aqui por conta de toda uma teorização do hibridismo inerente aos encontros extensivos de duas línguas que, ao serem tão próximas, parecem operar criando uma espécie de arco voltaico, cintilando-se reciprocamente.

Contudo, e mirando nesse título que abre este Bloco, estamos falando de um outro plano, um outro tipo de radicalidade da experiência ou da experimentação envolvida em tal encontro-viagem.

¹⁰⁴ LAWRENCE, *Witman*, 1994, contracapa.

Por outra parte, e a partir da experimentação de *liquefação do eu* do Bloco II, podemos falar que se trata de um plano essencialmente desprovido de qualquer sujeito ou consciência *apriori*.

Deleuze chama também a esse plano em que surgem tais intensidades pré-individuais, campo transcendental:

Na ausência de consciência, o campo transcendental se definiria como um puro plano de imanência, já que ele escapa a toda transcendência, tanto do sujeito quanto do objeto.¹⁰⁵

Acerca desse mesmo plano, em *O que é a filosofia*¹⁰⁶, Deleuze & Guattari, dizem:

É quando a imanência não mais é imanente a outra coisa senão a si que se pode falar de um plano de imanência. Um tal plano é talvez um empirismo radical: ele não apresenta um fluxo do vivido imanente a um sujeito, e que se individualiza no que pertence a um eu. Ele não apresenta senão acontecimentos, isto é, mundos possíveis enquanto conceitos, e outrem, como expressões de mundos possíveis ou personagens conceituais. O acontecimento não remete o vivido a um sujeito transcendente = Eu, mas remete, ao contrário, ao sobrevôo imanente de um campo sem

¹⁰⁵ DELEUZE, *A imanência – Uma vida*, 2002, pp. 3-7.

¹⁰⁶ DELEUZE & GUATTARI, 1991, pp. 64-65 [48].

sujeito; Outrem não devolve a transcendência a um outro eu, mas traz todo outro eu à imanência do campo sobrevoado. O empirismo não conhece senão acontecimentos e outrem, pois ele é grande criador de conceitos. Sua força começa a partir do momento em que define o sujeito: um habitus, um hábito, apenas um hábito num campo de imanência, o hábito de dizer Eu...

Sobrevoando o exercício pragmático de tradução que aparece no Bloco II, podemos também encontrar uma espécie de fuga do *hábito de dizer eu*, mas não como uma proposição de princípios, como um manifesto anti-eu que quereria se insurgir aqui. A viagem de liquefação do eu se poetiza no próprio encontro com uma vida coletiva de gerações, que faz eclosão nesse ato de traduzir, produzindo em si uma espécie de viagem plural que não pára de se desdobrar em versões e mais versões.

Viagens essas que retornam em quem aqui escreve, e essa pluralidade nem sempre se abstém da ambivalência feita diálogo, pois *“às vezes me abstraio e penso, assim, de forma dialogada, só que, como se fossem certos, esses diálogos intensos me deixam dilacerado.”*¹⁰⁷

Viagem essa que envolve uma delicada tarefa de *garimpar* nos conceitos, nas palavras, nas partículas que mais possam transmitir as intensidades dessa “construção de época”.

¹⁰⁷ DI BENEDETTO, 2004, p.96.

Viagem essa que tem muito do procedimento de percolação – *fluxos que, ao se encontrarem, modificam seu movimento e sua estrutura*,¹⁰⁸ e que se coloca na encruzilhada entre a comunicação, a traduzibilidade e uma *clínica mundana* [oxigenação do mundo], uma maneira de produzir subjetividade por dizer, traduzida.

Viagens plurais que deixam ver que quem assim viaja não é o invasor, mas aquele que é invadido pelo fora intensivo.

Uma viagem singularmente plural

É a viagem que leva ao agenciamento-tradutor a se deslocar pela leitura. Viagem *de leitura singular*, como foi a de acompanhar, refazer de alguma maneira, por essa via da leitura de revisão, as viagens do Guattari pelo Brasil, em épocas intensamente políticas no Brasil, e procurar então operar no compartilhamento dessa experiência *dantes* em um outro país. Mas de vinte anos depois: a revisão para a publicação do livro *Micropolítica* na Argentina.¹⁰⁹

¹⁰⁸ MARTIN J, *orelha de Mil Platôs*. 1999, vol. 3.

¹⁰⁹ Revisão realizada com Suely Rolnik – autora junto com Guattari - e viagem para o Argentina (cidades de Buenos Aires e Rosário) por ocasião do lançamento de *Micropolítica – Cartografías del deseo*, Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

Viagem essa que envolveu uma delicada tarefa de *garimpar*¹¹⁰ agora nas palavras e na sua localização espacial, para que pudessem transmitir intensidades de construção de época.

Viagem que tornou possível uma outra viagem de retorno diferencial à Argentina de quem escreve e a maquina agenciamento-tradutor. Momento de sentir na carne aquilo do efeito fluxão-fusão de Perlongher e seus efeitos chistosos e confusões.

Em Buenos Aires o interrogante que surge a partir de várias pessoas é: Que língua é essa que fala o tradutor? Qual o sotaque carrega, qual o castelhano desconhecido aos seus secularmente ouvidos italianizados?

Retorno a Rosario, cidade natal para o tradutor e seu barquinho de terceira margem. Cidade ribeirinha, com suas paisagens de porto e suas reminiscências de bordel secular de Buenos Aires na virada oitocentista, e também adentrando o século XX.

Causa estranhamento a noção do *cafetinagem* capitalista¹¹¹ no século XXI, ou de cafetão - ou de *cafishio*, na acepção castelhana que se recria então para dar passagem

¹¹⁰ Ou *cirujear*, na terminologia lunfarda argentina que se mencionou no ensaio *Escrevendo vozes dantes*, na introdução desta tese

¹¹¹ O ensaio *Geopolítica da cafetinagem*, de Suely Rolnik. Disponível on-line. In: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf> Foi publicado como posfácio à edição castelhana de *Micropolítica*, sob título *Geopolítica del rufián*.

dizível em intensidade ribeirinha a um tipo de captura capitalística global, face à qual se pretende dar combate.

Uma complexa operação entre línguas afetando-se reciprocamente, *línguas mataborrão*¹¹², na qual o *cafishio*¹¹³ [cafetão] introduz o paradoxo do arcaico no século XXI.

A palavra *cafishio* surge como adequação na pronuncia, adaptação do italiano *stoccafisso* [bacalhau], substantivo utilizado para designar ao *ruffiano*, ao cafetão.

Por outra vertente, viria do iídiche *caftan*, ou talvez *caftan* provenha do árabe ou do persa – exemplar operatoriedade *mataborrão* [J. Ginzburg] do iídiche.

Chamou-se *stockfish* aos proxenetas enriquecidos, pela maneira afetada de andar. A palavra também poderia referir-se “carregamento” dos navios - mulheres destinadas à prostituição.

Nos anos 20 do século passado, em Buenos Aires e Rosário, na Argentina, criou-se a Sociedade de Socorros Mútuos, fundada por

¹¹² Expressão cunhada por Jacó Guinzburg para o iídiche e observada por SELIGMAN SILVA, M: G. “Deleuze (falando da literatura de Kafka como “literatura menor” exemplar) e J. Derrida já nos mostraram, existe uma “exemplaridade” na situação diaspórica do judaísmo, na sua tradição de calcamento cultural, de identidade “mata-borrão” (para falarmos com J. Guinsburg ao se referir ao iídiche), que permite expandir esse modelo para nossa situação pós-tradicional ocidental.” In: *Entre passos e rastros*. Revista *Pesquisa FAPESP*, n 89, jun 2003. [Disponível on-line: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=3658&bd=3&pg=1&lq=>]

¹¹³ BONALDI, S., *Habla popular, lunfardo y vesre*, Letterature d’America, n 24-25. Bulzoni, Roma, 1987, p. 59. V. Tb. NEEDELL, 1993, p. 323. V. tb. <http://es.wikipedia.org/wiki/Lunfardo#Cafisho>.

imigrantes judeus de origem polonesa. Esta sociedade funcionou como fachada da Zwi Migdal, máfia da prostituição que operava no eixo Europa/América do Sur (operou também em Santos, por exemplo). Os bordéis eram regenteados por membros dessa sociedade, que costumavam vestir o casaco conhecido como *caftan*.

Cafetão deriva de cáften, que surge no português como voz *lunfarda*. Cáften, a voz popular carioca para gigolô ou cafetão, também deriva de *caftan*, o traje tradicional usado pelos judeus do Leste Europeu.

Donde cafetinar-cafishear é uma e a mesma dizibilidade urbana, tropical e subtropical.

Viagem toda essa, em julho de 2006, que relançou novamente o campo problemático no qual venho trabalhando nos últimos anos, e que se coloca na encruzilhada entre a comunicação, a traduzibilidade e a clínica como instância problematizadora de uma maneira de produzir subjetividade por dizer, *traduzida*.

Recapitulando

Foi posto, num primeiro momento desta tese, que havia um plano ou *estado de coisas* a ser problematizado: o da comunicação hoje, pela irrupção maciça de elementos tecnológicos nela imbricados, que eclode em mediações variadas. E opera na comunicação entre pessoas, mas também

entre pré-pessoas, pessoas e acontecimentos, entre pré-pessoas, pessoas e objetos e, ainda, entre uma pessoa, pré-pessoa e ela mesma. E é aí que se intromete cada vez mais ruidosamente um conjunto de dispositivos comunicacionais produzidos *em bem poucos* centros empiricamente exteriores a eles.

Há um descompasso entre a velocidade do surgimento de mediações tecnológicas e o nosso funcionamento como suportes da comunicação.

Os dispositivos comunicacionais rapidamente colocados à disposição, e as pessoas, pré-pessoas, os objetos e os acontecimentos são contrariados com a inevitável lentidão de um modo “artesanal” de funcionamento. Uma espécie de desnível abrupto, salto ou impasse passível de variados modos de intervenção problematizadora.

Parece que, para tal, é preciso de antemão uma expansão sensorial para captar os “*signos a serem decifrados*”¹¹⁴ – e por isso aponte para um alargamento da interrogação: o que se passa nesse território de tradução em

¹¹⁴ DELEUZE, 1987, 16-17: “À idéia filosófica de “método” Proust opõe a dupla idéia de “coação” e “acaso”. A verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro. O acaso dos encontros, a pressão das coações são os dois temas fundamentais de Proust. Pois é precisamente o signo que é objeto de um encontro e é ele que exerce sobre nós a violência. O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado. Fortuito e inevitável, como diz Proust. ‘E via nisso a marca de sua autenticidade. Não procurara as duas pedras em que tropeçara no pátio.’⁵ O que quer aquele que diz ‘eu quero a verdade’? Ele só a quer coagido e forçado. Só a quer sob o império de um encontro, em relação a determinado signo. Ele quer interpretar, decifrar, traduzir, encontrar o sentido do signo.”

suas variações, variabilidades, fugas e territorializações, em relação aos registros lingüísticos que as sustentam?

Com efeito, esse foi o problema colocado como central numa instância inicial. Contudo, a questão do movimento de intensidades produzido pelo reencontro de uma viagem plural, traduzida, e os mais variados deslocamentos de signos que ela engendra, recoloca insistentemente a questão num outro estado proeminente, a ser apreciado e que faz eco no dizer de Deleuze & Guattari:

(...) As próprias falas e as línguas, independentemente da escrita, não se definem por grupos fechados que se compreendem entre si, mas determinam primeiro relações entre grupos que não se compreendem: se há linguagem, é antes entre aqueles que não falam a mesma língua. A linguagem é feita para isso, para a tradução, não para a comunicação ¹¹⁵

Chegamos então a outro momento da viagem plural em que o movimento, paradoxalmente, se detém nalgum sentido ou, como queria Michel Butor ¹¹⁶, amante de viagens e narrativas de viajante, ganha corpo esse miríade de retalhos.

¹¹⁵ DELEUZE & GUATTARI, 1997, v. 5, p. 14 [536].

¹¹⁶ BUTOR, Michel. *Le Voyage et l'Écriture*. In *Repertoire IV*. Paris, Minuit, 1974, p. 9. V tb.: "Michel Butor diz muito bem: 'Cada uma de estas palavras poderá se tornar como um desvio e iremos de uma outra por uma multidão de trajetos; de onde a idéia de um livro que não conta somente uma história, mas um mar de histórias.'" BUTOR, M *Introduction aux fragments de "Finnegans Wake"*, Gallimard. 19962, p. 12. *Apud* DELEUZE, 1998, p. 49.

Uma viagem que envolveu uma quietude prudente e atenta aos tempos de escrever num terreno que se sabe de antemão complicado. Isso implica atentar ao fato de que o estado do problema não pára de gerar complicação, não parece estar resolvido. E apenas problematizado, levando em consideração a noção de *complicação* que aponta Deleuze:

Chamamos *perplicação* este estado das Idéias-problemas, com suas multiplicidades e variedades coexistentes, suas determinações de elementos, suas distribuições de singularidades móveis. A palavra "perplicação" designa aqui uma coisa totalmente distinta de um estado de consciência. Chamamos *complicação* o estado do caos que retém e compreende todas as séries intensivas atuais correspondentes a estas séries ideais, que as encarnam e afirmam sua divergência. Além disso, o caos recolhe em si o ser dos problemas e dá a todos os sistemas e a todos os campos que se formam nele o valor persistente do problemático. Chamamos *implicação* o estado das séries intensivas, na medida em que elas se comunicam por suas diferenças e ressoam, formando campos de individuação. Cada uma é "implicada" pelas outras, que ela, por sua vez, implica; elas constituem as "envolventes" e as "envolvidas", as "resolventes" e as "resolvidas" do sistema. Finalmente, chamamos *explicação* o estado das qualidades e dos extensos que vêm recobrir e desenvolver o sistema, entre as séries de base: aí se delineiam as diferenças, as integrações que definem o conjunto da solução final. Mas os *centros de envolvimento* dão ainda testemunho da persistência dos problemas ou da persistência dos valores de implicação no movimento que os explica e os resolve (*replicação*).¹¹⁷

¹¹⁷ DELEUZE, 1998, pp. 359-360. [tr. revisada/ ORLANDI] V. Tb. DELEUZE, 1968, pp.11-15: "Explicar é desenvolver. Envolver é implicar. Os dois termos, entretanto, não são contrários: indicam apenas dois aspectos da expressão (...) Implicação e explicação, envolvimento e desenvolvimento, são termos herdados de uma longa tradição filosófica, que foi sempre acusada de panteísmo. Exatamente porque não se opõem, esses próprios conceitos se referem a um princípio sintético: a *complicatio*. (...) A expressão compreende todos esses aspectos: complicação,

Não se apontou, nesse estudo de tese desenrolado em três ou quatro movimentos, - primeiros ensaios e composição de três blocos - a uma resolução que desse conta de um problema como totalidade, em qualidade de resposta, mas a colocar expressos alguns movimentos da aventura implicados na viagem, nos procedimentos dos processos expressivos, no ato de traduzir.

Abarcando todas essas singularidades mencionadas antes, retomando a questão das viagens do que poderíamos chamar o 'agenciamento-tradutor': por que essa viagem plural, mas que um encontro produtor de hibridismos, de mestiçagens evidentes num plano, poderia ser chamada de pura? Ou por que seu produto, aquele plano do agenciamento na sua atualização "traduzida", poderia portar essa designação? Seria necessário abrir o leque dessa nova maneira de dizer a coisa?

Acompanhamos antes, em Deleuze & Guattari quando nomeiam um *empirismo radical* que libera a imanência na própria operação de experimentação.

explicação, inerência, implicação. Esses aspectos da expressão são também as categorias da imanência; a imanência se revela expressiva, a expressão se revela imanente, em um sistema de relações lógicas onde as duas noções são correlativas". V. tb. ZOURABICHVILI, p.13: O conceito de complicação comporta dois estágios, que correspondem aos dois usos do termo. Exprime em primeiro lugar um estado: o das diferenças (series divergentes, pontos de vista, intensidades ou singularidades) envolvidas ou implicadas umas nas outras (LS, 345-6). Complicação significa então co-implicação, implicação recíproca. Esse estado corresponde ao regime do virtual, em que as disjunções são "inclusas" ou "inclusivas", opondo-se ao regime do atual, caracterizado pela separação das coisas e por sua relação de exclusão (ou isso... ou aquilo): não é portanto regido pelo princípio da contradição. Logo, complicação qualifica um primeiro tipo de multiplicidade, dita intensiva. E a própria lógica do mundo como "caos" (DR, 80,162-3, 359; LS, 345-6).

Se a experimentação aqui proposta e desenvolvida no Bloco II implica uma assim chamada *liquefação do eu*, poderia ser tomada como uma radicalidade empírica envolvida no ato de traduzir? Cabe dar a essa radicalidade uma autoria?

Se esse ato está sendo pensado como um agenciamento, a noção de local fixo e de autoria é destronada. Há uma operação empírica cuja radicalidade deixa de ter um eu estável que a suporte. Deleuze designa também a esse plano de efetuação de uma experiência radical de campo transcendental. O que é um campo transcendental?

(...) Ele se distingue da experiência, na medida em que não remete a um objeto nem pertence a um sujeito (representação empírica). Ele se apresenta, pois, como pura corrente de consciência a-subjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem um eu [*moi*]. Pode parecer curioso que o transcendental se defina por tais dados imediatos: falaremos de empirismo transcendental, em oposição a tudo que faz o mundo do sujeito e do objeto. Há qualquer coisa de selvagem e de potente num tal empirismo transcendental. Não se trata, obviamente, do elemento da sensação (empirismo simples), pois a sensação não é mais que um corte na corrente da consciência absoluta. Trata-se, antes, por mais próximas que sejam duas sensações, da passagem de uma à outra como devir, como aumento ou diminuição de potência (quantidade virtual). Será necessário, como consequência, definir o campo transcendental pela pura consciência imediata sem objeto nem eu [*moi*], enquanto movimento que não começa nem termina? ¹¹⁸

¹¹⁸ DELEUZE, G. *A imanência...*, 2002, pp. 3-7.

A pureza da língua deixa então de ser pensada como ‘de chegada’ e pode então ganhar o estatuto de devir, de quantidade virtual, de intensidade que não se atualiza como ‘ponto’ mas como plano de intensidade, de efetuação.

Tem uma tal efetuação efeitos numa consciência do ‘eu’, do tradutor? Tem, se pudéssemos defini-la, diríamos que se manifesta já não na *necessidade imperiosa de desenvolver novos sentidos*, mas na própria efetuação desses neo-sentidos: é todo o agenciamento-tradutor que vibra e com ele esse eu, tomado por uma *pressão ocular* que transpassa os olhos e toma o olhar, a visão, a audição, que devêm assim uma máquina de forças do novo: se vê e se escuta com pressão ocular, nada já tem figuras estáveis - delírio de quietude metaestável, canoa em suspensão extra-ribeirinha, de *terceira margem*¹¹⁹. Extra-ser de vida nesse entre-lugar feito de diferença.

A pureza então pode ganhar o estatuto de intensidade. Pura como pura intensidade da experiência de traduzir e produzir, nesse ato, uma língua louca, um plano, uma superfície de língua louca que leva a dizer *eu são/eu som*.

Estado anti-estado, pura conectividade como na experiência que evoca Lapoujade em James: *é o conjunto de*

¹¹⁹ A evidente alusão ao conto, *A terceira Margem do rio*, de Guimarães Rosa. [Disponível on-line: http://www.releituras.com/guimarosa_margem.asp] Mas evoco também umas intensidades ribeirinhas da paisagem visual e sonora donde venho. Convido a visitar *Pulsões do rio*, “animal de barro/ que foge/ e como a vida/ flui/ sem voltar nunca à altura”. In: http://www.dialogica.com.ar/tropicicos/2008/01/pulsacoes_do_rio.html

*tudo que está em relação com outra coisa, sem que necessariamente exista uma consciência dessa relação.*¹²⁰

Sem consciência e sem princípio adâmico, sem queda de paraíso algum. *Realidade intermediária, 'nem matéria nem forma', que se desdobra por si mesma e da qual são feitas tanto as realidades psíquicas quanto as físicas.*¹²¹

Pode o modo de agir desse agenciamento-tradutor ganhar para si um lugar como trabalhador itinerante das idéias, aquele que com seu barquinho vai coletando, garimpando, num universo que tem como tendência a conectividade?

Nomadismo operário, diz Lapoujade ecoando James. Perambulação constante em velocidade infinita de mundos, busca de extrair “uma língua intensa, uma língua pura” que diga estados alterados sem ponto de começo nem fim.

¹²⁰ V. LAPOUJADE, *Do campo transcendental ao nomadismo operário – William James*. In: ALLIEZ (Org.), 2000, p 270.

¹²¹ Idem.

Provisórias conclusões

Endossamos então através de Deleuze & Guattari, que nesse caso de encontro de línguas são importantes especificamente “os pontos de intervenção, de inserção.”¹²²

Nesse sentido, dizíamos, na época do mestrado, que cada língua poderia mostrar a sua especificidade e singularidade, elidindo um princípio externo, na passagem de sua traduzibilidade para outra língua. Acrescentamos que chamamos de agenciamento-tradutor a uma espécie de hábitat do próprio tradutor, pois:

.Todo tradutor vive da diferença das línguas, toda tradução está fundada nesta diferença, enquanto persegue, aparentemente, o desígnio perverso de suprimi-la.¹²³

Pode se acompanhar na citação anterior, a idéia de que existe uma consistência do agenciamento-tradutor como agenciamento *intervalar*. Haveria, para o tradutor e sua tarefa e adjacências, uma localização de ser constituída no movimento, caracterizada univocamente pela diferença

¹²² DELEUZE & GUATTARI, 1997, vol. 2, p. 28.

¹²³ BLANCHOT, M *Reprises, Nouvelle Revue Française*, n. 8, p. 476.

implicada nessa passagem implicada na traduzibilidade entre línguas.

Desprendendo-se dessa referência, haveria um lugar e função para o agenciamento-tradutor que extrapolaria já o *modo de intentar*¹²⁴, um modo de aproximação e de confronto, mas também de um tipo de singularidades ou diferenças expressas no plano da língua de chegada, que sempre deixa, em algum lugar deslizante e metaestável, um irreduzível imanente à própria operação tradutória. Um irreduzível que seria ainda imanente a essa metaestabilidade, portanto, diverso em sua movimentação, e não exterior ou *a priori* já estabelecido ou perdido¹²⁵.

Esse movimento tradutório e a própria tarefa da tradução se constituem nesse caso como um duplo movimento, uma dupla pinça ou *double bind*¹²⁶; implicada numa operação – *molar*, necessária e interminável, por um lado, compondo a traduzibilidade no movimento incessante *entre* línguas.

Mas, por outro lado, existiria uma outra articulação subjacente e *molecular* ou microscópica, aquela que coloca um

¹²⁴ SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 89.

¹²⁵ ORLANDI, In: MOURA (Org.), 1995, pp. 147-195: “Esse limite, o objeto =x, eminentemente virtual, goza do estranho poder de repetir-se como a diferença, como a ‘instância imanente’ que, circulando, deslocando-se, determina os ‘disfarces que afetam os termos e as relações das séries da realidade’”.

¹²⁶ SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 37. V. Tb. a referência à obra de Deleuze: “...há sempre o relampejar de uma dupla operação e é por meio desta que um isto qualquer é indagado. E como é ele indagado? Como entrelaçamento de linhas de diferenciação atualizantes (que efetuam algo graças a processos de individuação e dramatização) e linhas de_ diferenciação (que o atravessam como dimensão virtual, nomadizante)”. ORLANDI, 2000, pp. 75-90.

irredutível como componente ativo e ativador da traduzibilidade macro, embora inapreensível naquele plano molar.

Sobre o problema da consistência-de-ser desse agenciamento-tradutor, ou melhor, sobre a própria definição de uma consistência de *ser* na história da filosofia, evocávamos naquele momento de investigação de mestrado, as esclarecedoras considerações de Orlandi¹²⁷, a respeito da afirmação de Aristóteles: *o ser se diz multiplamente*. Tal afirmação foi atravessada na história da filosofia pelas múltiplas variações das traduções que dela foram feitas.

Essas traduções dessemelhantes, diz Orlandi, não respondem a uma diferença de competência, muito menos às discrepâncias idiomáticas, mas obedecem àquilo que ele denomina como *distintos modos de filosofar*. A questão da traduzibilidade parece então, estar situada em *uma* certa maneira de se exprimir, que estabelece conexões entre as mais variadas formas da ação humana¹²⁸.

No Bloco II, essa modalidade de conexão com o mundo, estado de traduzibilidade em seu caráter contínuo e transversal, surge com maior clareza como multiplicidade sígnica em processo de singularização. Variabilidade operando *entre* línguas e, ainda, no interior de uma língua determinada, eclodindo-a ou variando-a em minorações que, por sua vez,

¹²⁷ In: LINS et al., 2000, pp. 75-90.

¹²⁸ V. a fórmula completa da univocidade. ORLANDI in: MOURA (Org.), pp. 147-195: "O ser se diz num único sentido de tudo aquilo de que ele se diz, mas aquilo de que ele se diz difere: ele se diz da própria diferença."

ressoam, como evocação, com vestígios de conexões de outras línguas e blocos de duração díspares.

Daí que, como exemplo, torne-se oportuno lembrar as dificuldades evocadas por autores como Borges, quando se referiu a um irredutível da tradução como *processo da derrota*. Borges pressentia claramente uma irredutibilidade de apreensão do mundo como tentativa, mas extraía dela devires narrativos como componentes essenciais de seus procedimentos literários, como em *A busca de Averróis*, por exemplo:

Na estória anterior, eu quis narrar o processo de uma derrota. Em primeiro lugar, pensei no arcebispo de Canterbury, que se propusera demonstrar que Deus existe; depois, nos alquimistas que procuravam a pedra filosofal; depois, nos vãos trissectores do ângulo e os retificadores do círculo. Posteriormente eu refleti: mais poético talvez fosse um homem que se propusesse um fim que no estivesse vedado aos outros, mas sim para ele. Lembrei-me então de Averróis, que, trancafiado no âmbito do Islã, nunca pôde saber o significado das vozes *tragédia* e *comédia*. (...) Senti que a obra zombava de mim. Senti que Averróis, querendo imaginar o que é um drama, sem sequer suspeitar o que seja um teatro, no era más absurdo que eu, querendo imaginar Averróis, sem outro material que uns excertos de Renan, de Lane e de Asín Palacios. Senti na última página que essa narrativa era um símbolo do homem que eu fui enquanto a escrevia, e que, para escrever essa narrativa, eu tive de ser aquele homem e que, para ser aquele homem, eu tive de redigir essa narrativa, e assim até o infinito. (No instante em que deixo de acreditar nele, 'Averróis' desaparece.)¹²⁹

¹²⁹ BORGES, J. L. *La busca de Averroes. El Aleph*. Obras Completas, Tomo I, Buenos Aires: Losada, 1949. [tradução minha]

Por outra parte, há casos em que tão-só umas poucas palavras podem provocar uma oscilação, um desnível; engendrar o estranhamento próprio de uma nova e transitória composição de estado numa obra. Esse fenômeno é referendado por *Jorge Schwartz* na própria tradução de Borges para o português brasileiro:

Das pouquíssimas palavras que decidimos manter no original, para não prejudicar justamente o valor contratextual, uma delas foi *compadrito*: típico termo argentino usualmente aplicado ao indivíduo vulgar, fanfarrão, briguento, valentão; também ao rufião ao sujeito ruim... não que não existam equivalências, mas nenhuma delas chegaria à riqueza proposta pela vibração argentinizante do *compadrito*.¹³⁰

Essa opção introduz uma vibração própria da língua do *escritor anterior* – em termos borgesianos – na língua de (provisória) chegada. Envolve um processo de minoração, através do qual, o tradutor interfere construindo nela um domicílio singular, situado num momento específico do movimento: a vibração do *compadrito*, no português, já não iguala, mas *cintila* uma vibração rio-platense, que entra assim numa passagem, num devir, numa viagem pelos tempos e pelas histórias¹³¹.

¹³⁰ SCHWARTZ, J., Revista *CULT*, 1999, n 25, p. 45.

¹³¹ DELEUZE & GUATTARI, 2001, p. 31: "As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a articulação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação. Isto equivaleria a dizer que 'menor' não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no interior da chamada maior (ou estabelecida)." (tradução minha da edição

Um passeio pelas línguas; que engendram cartografias singulares: minoração de línguas, domicílio novos em pontilhado que se desenham no movimento de variabilidade incessante.

Entendidos sob essa perspectiva, os conceitos que trouxe aqui, para abordar o problema da traduzibilidade, ganham corpo de multiplicidade substantiva.

Isto é, sinalizam regiões de intensidades, com os correspondentes graus ou limiares de atualização, constituindo aquilo que chamei de *regiões de sentidos*:

As multiplicidades são parcialmente atualizadas nos pontos de aplicação empíricos desses agenciamentos, mas não perdem aí sua inerente processualidade, pois são devires por serem “estritamente inseparáveis da passagem de um concreto a outro, da passagem de um agenciamento a outro.”^{1 132}

Pensando assim, o *estado de traduzibilidade* do agenciamento-tradutor viria a ganhar a configuração metaestável de uma zona de ressonâncias, podendo ela ser pensada como numa *caótica de fluxos subjetivos* mais ou

castelhana). V. Tb. ALLIEZ (Org.), 2000, p. 476: “Nesta perspectiva, a literatura como ficção supõe a fabulação na medida em que esta não implica nem imaginar nem tampouco projetar um Eu. A fabulação seria, pois, a própria potência em ato que traduziria a língua instituída como estrangeira. Assim, a escrita supõe não apenas a decomposição da língua materna, mas também ‘a invenção de uma nova língua dentro da língua, pela emoção da sintaxe.”

¹³² ORLANDI. In: MOURA (Org.), 1995, pp. 147-195

menos ligados a enunciações, uma zona que se movimenta numa processualidade, alimentada por um tipo de matéria intensiva que, por sua vez, se auto-engendra nesse movimento de fluxos.

Essa caótica é pensada precisamente como zona ou região de movimentação, de limiares intensivos. Um caos se diferencia, tanto do previsível quanto do imprevisível absoluto ou aleatório, estatuidando uma região de variabilidade que se demarca das linearidades dos extremos funcionais¹³³.

Por essa perspectiva, pode ser colocada a questão desse estado de traduzibilidade, habitando, de maneira variável, esse espaço de devires e atualizações. Como um *“eminente lugar de passagens, um lugar de enlaces e desenlaces, pois define-se como diferença que relaciona o diferente ao diferente.”*¹

Assim, a vida traduzida, transduzida, hifenizada do agenciamento, em lugar de reduzir-se a um resultado resolutivo de comparações com um padrão, seja este ou originário ou modelizador, ou ainda entre múltiplos desviantes, é a aventura das ressonâncias entre variações contínuas sobre as quais o agenciamento tradutor ganha e opera consistência e por ela é afetado, ali onde se entretém a variação contínua de um pensar nômade que os explora, de um pensamento que por elas é nomadizado.

¹³³ Revista *Pesquisa FAPESP*, n 65, jun. 2001, p. 46: *O controle do caos*

A traduzibilidade, essa viagem laboriosa do agenciamento-tradutor, nômade ainda na quietude, no emaranhamento de cintilações do virtual, vem a ser a efetuação dessa aventura reciprocamente transversal: fazer com que as cintilações e blocos de mundos viagem pelas idéias ganhando novas atualizações, e que as idéias se intensifiquem ao sabor dessas cintilações.

BIBLIOGRAFIA

a) Deleuze

DELEUZE, G. *A ilha deserta e outros textos. Textos e entrevistas (1953-1974)* Edição preparada por David Lapoujade. Luiz B.L. (Org. da trad. br.). São Paulo: luminuras, 2006.

_____. *A imanência – Uma vida*. In: *REVISTA EDUCAÇÃO E REALIDADE - DOSSIÊ GILLES DELEUZE*, V 27, n 2 Jul/dez 2002, Porto Alegre: UFRJ. (Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Originalmente publicado em *Philosophie*, nº 47, 1995: 3-7).

_____. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *Désir et plaisir, Magazine littéraire* (“Foucault aujourd’hui”), nº 325, out. de 1994, pp. 59-65. Trad. Luiz B.L. Orlandi: *Desejo e prazer*. Cadernos de subjetividade, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP. São Paulo: EDUC, número especial, junho de 1996, pp.13-25.

_____. *Différence et répétition*, Paris, PUF, 1968.

_____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi & Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Deux régimes de fous*. Textes et entretiens (1975 - 1995)
Edition préparée par David Lapoujade. Paris: Minuit, 2003.
(alguns textos traduzidos por Tomaz Tadeu)

_____. *Espinosa – Filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Francis Bacon – A lógica da sensação*. Trad. Roberto Machado (Coord). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

- _____. *Gilbert Simondon – O indivíduo e sua gênese físico-biológica*. In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. *O reencantamento do concreto*. Peter Pál Pelbart e Rogério da Costa (Orgs.), Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.
- _____. *Le Pli, Leibniz et le Baroque*. Minuit, Paris, 1988.
- _____. *A Dobra – Leibniz e o Barroco*. Trad. Luiz B.L. Orlandi. Campinas: Papirus, 2000.
- _____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *Nietzsche et la philosophie*. Paris, PUF, 1962.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. Tr port. de Antônio M. Magalhães. Porto: Rés, s/d.
- _____. *Pourparlers (1972-1990)*. Minuit, Paris, 1990
- _____. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- _____. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet & Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *Spinoza et le problème de l'expression*, Paris, Minuit, 1968
- _____. *O ato de criação*. Trad. José Marcos Macedo. In: *Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, 27 de junho de 1999.

b) Deleuze & Guattari

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. *Joana Moraes Varela & Manuel Carrilho*. Lisboa: Assírio & Alvim, s/d.

_____. *Mille plateaux - Capitalisme e schizophrénie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. *Aurélio Guerra Neto & Célia Pinto Costa*. São Paulo: Ed. 34, 1996. v. 1.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. *Ana Lúcia de Oliveira & Lúcia Cláudia Leão*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 2.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. *Suely Rolnik*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. *Peter Pál Pelbart & Janice Caiafa*. São Paulo: Ed. 34, 1997, v. 5.

_____. *Kafka, por una literatura menor*. Vers. *Jorge Aguilar Mora*. México D.F.: Ed. Era, 2001.

_____. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.

_____. *O que é a filosofia?* Trad. *Bento Prado Jr. & Alberto Alonso Muñoz*. São Paulo: 34.

c) Deleuze/ Guattari/ Outros

DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. Trad. *Eloisa Araújo Ribeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, "TV Escola", série Ensino Fundamental, 2001

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. *Ana Lúcia de Oliveira & Lúcia Cláudia Leão*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____ & ROLNIK, S. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

d) Outros

ALLIEZ, É. *Deleuze - filosofia virtual*. Trad. *Heloísa B.S. Rocha*. São Paulo: 34, 1996.

ALLIEZ, É. (Org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coord. da trad. *Ana Lúcia de Oliveira*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ALMEIDA, J. *Estudos Deleuzianos da Linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

ANTUNES, A. *40 Escritos*. João Banderia (Org.) São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. *Palavra desordem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BRASIL, A.; FALCI, C.; DE JESUS; E.; ALZAMORA, G. *Cultura em fluxo – Novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, 2004.

BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad. M. Seligman-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.

BERGSON, H. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BHABHA, H.K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de L. Reis & Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLANCHOT, M. *A conversa infinita 1: a palavra plural*. Trad. A. Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *O livro por vir*. Trad. Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.

BRESSANE, J. *Alguns*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

BORGES, J. L. *Obras Completas*. Buenos Aires: Ed. Emecé. Vol. VII.

_____. *Ficciones*. Alianza: Madrid, 1978.

_____. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BUENO, W. *Mar Paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. *O reencantamento do concreto*. Peter Pál Pelbart e Rogério da Costa (Orgs.), Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.

CAMPOS, Augusto. *Rimbaud livre*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAMPOS, Haroldo. *O Arco-Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *A Máquina do Mundo Repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

- CANGI, A. & SIGANEVICH, P. (Comp.) *Lúmpenes Peregrinaciones: ensayos sobre Néstor Perlongher*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1996
- CHARTIER, R. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Ed., 2001.
- DERRIDA, J. *De la Grammatologie*, Paris: Minuit, 1967.
- _____. *Torres de BABEL*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DE BARROS, M. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DI BENEDETTO, A. *El silenciero*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2004.
- _____. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- DOS SANTOS, V. (Org.). *O trágico e seus rastros*. Londrina: Eduel, 2002.
- GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GIL, J. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1986.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- IBÁÑEZ, J. *Más allá de la sociología*, Madrid: Siglo XXI, 1979.
- JAKOBSON, R. *Ensayos de lingüística general*. Barcelona: Seix Barral, 1975.
- _____. & YHALLE, M. *Fundamentos del lenguaje: Dos aspectos del lenguaje y dos tipos de trastornos afásicos*. Madrid: Ayuso, 1974.
- KAMPFF LAGES S. *Walter Benjamin – Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp: 2002.

KAFKA, F. *El Castillo*. Trad. D. J. Vogelmann. Buenos Aires © Emecé Editores, 1949.

KAFKA, F. O Veredicto / Na Colônia Penal. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LARBAUD, V. (1881-1957) *Sob a invocação de São Jerônimo: ensaios sobre a arte e técnicas de tradução*. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Mandarim, 2001.

LAWRENCE, D.H. *Witman*. Trad. Ana Luisa Faria. Lisboa: Relójo d'Água, 1994.

LINS, D.; GADELHA COSTA, S.; VERAS, A. *Deleuze e Nietzsche – Intensidade e paixão*. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 2000.

LINS, D (Org) *Nietzsche e Deleuze: Imagem, Literatura, Educação*. Fortaleza, Forense Universitária, 2007.

MENEZES, P. *Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual*. São Paulo: Ática, 1998.

MOURA A. *As Pulsões*. São Paulo: Escuta/EDUC, 1995.

NEEDELL, J.. *Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NIETZSCHE, F. *Nietzsche - Obras Incompletas*. Col. "Os Pensadores". Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, F. W. (1844-1900) *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OTTONI, P. (Org.) *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998. (Viagens da Voz)

ORLANDI, LBL. (Org.) *A Diferença*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

- _____. *A voz do Intervalo*. Introdução ao estudo do problema da linguagem na obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Ed. Ática, 1980.
- _____. *Imagem de Palhaço e Liberdade*. In: LINS, D (Org) Nietzsche e Deleuze: Imagem, Literatura, Educação. Fortaleza, Forense Universitária, 2007, pp 182-192.
- _____. *Marginando a leitura deleuzeana do trágico em Nietzsche*. In: Volnei Edson dos Santos (Org.). *O trágico e seus rastros*. Londrina: Eduel, 2002, pp. 15-53.
- _____. *Nietzsche na univocidade deleuzeana*. In: Lins, D. ; Gadelha Costa, S.; Veras A. *Deleuze e Nietzsche – intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 75-90.
- _____. *O indivíduo e sua implexa pré-individualidade*. In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. *O reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.
- _____. *Simulacro na Filosofia de Deleuze*. Rio de Janeiro: 34 Letras, nº 5 e 6. In: *Revista 34*, set. 1989.
- ORNSTON, D. (Org.) *Traduzindo Freud*. Trad. Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- PELBART, PP. *O tempo não reconciliado*. Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva 1998.
- PESSOA, F. *I Poesias*: de Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1952. (Col. Poesia)
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental – Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- _____. *The experimental exercise of freedom*: Lygia Clark, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel – molda-se uma

alma contemporânea: o vazio pleno de Lygia Clark. Los Angeles: the Museum of Contemporary Art, 1999.

SALOMÉ, L.A. *Carta aberta a Freud*. Trad. do fr. L. E. G. de Almeida. São Paulo: Princípio, s.d.

SANTOS, L. G. *Desregulagens – Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social*. São Paulo: Brasiliense – Funcamp, 1981

SARLO, B. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A., 2000.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes & Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, s.d.

SELIGMANN-SILVA, M. *Ler o livro do mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SÉNECA. *Cartas consolatórias*. Campinas: Pontes Editores, 1992.

SERRES, Michel. *A lenda dos anjos*. Trad. Rosângela Vasconcellos Tibúrcio. São Paulo: Ed. Aleph. 1995.

SELIGMANN-SILVA, M. *Ler o livro do mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SERRES, M. *A lenda dos anjos*. Trad. Rosângela Vasconcellos Tibúrcio. São Paulo: Ed. Aleph. 1995.

_____. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SIMONDON, G. *A gênese do individuo*. In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. *O reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Hucitec/Educ, 2003.

SIMONDON, G. *L'individuation psychique et collective*, Aubier, 1989.

TEDESCO, S. H. *Estilo e subjetividade: considerações a partir do estudo da linguagem*, Tese de doutorado não publicada, (1999). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP.

TADEU, T (Org) *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Centro Interdisciplinar de Estudos em Novas Tecnologias da Informação/IFCH/Unicamp.

FONTES

. *Revistas*

ARCHIPIÉLAGO, Gilles Deleuze: Pensar, crear, resistir. Barcelona: 2004, n 17.

BRUMARIA, Arte y revolución. Madrid: primavera 2007.

CAMPOS, H. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? *Rev. USP* (São Paulo) site: www.usp.br/ccs/revistausp/n15/fharoltexto.html

CASTELLANOS, J; CASTELLANOS, I. *Cultura afrocubana*. Miami: Universal, 1992, vol. 3.

DEBARTS. *El compromiso babélico de traducir*. Inverno 2001-2002, n 74. (Disponível on-line. In: http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo_busqueda=EJEMPLAR&revista_busqueda=403&clave_busqueda=8916)

DERRIDA, J. *Le retrait de la méthapore*. In: *Po & sie*, nº 7, 1978, pp. 103-126

DOSSIÊ, A nova literatura argentina, *Rev. Cult* (São Paulo), v. 45, ano IV, abr. 2001.

HUELLAS, *Revista de la Universidad del Norte*. Ponencias del Encuentro de Investigadores de Música Afrocaribe. Barranquilla: 2003, n 67-68.

PÉREZ, P. *El caso Simondon*. In: *Eikasia*. Revista de Filosofía, n 2. Oviedo: jan/2006. <http://www.revistadefilosofia.com/>

ORLANDI. LBL. *Desejo e Problema – Articulação por reciprocidade de aberturas*. In: *Revista História e Perspectiva*, n III. Uberlândia: jul/dez 1990, pp. 159-186.

_____. *Simulacro na Filosofia de Deleuze*. Rio de Janeiro: 34 Letras, nº 5 e 6. In: *Revista 34*, set. 1989.

PESQUISA FAPESP, n. 61, jan./fev. 2001. Na onda do Gráviton/ Os detectores em ação.

_____, n. 65, jun. 2001. O controle do caos.

_____, n. 68, set. 2001. Navegando entre Platão e salsichas.

_____, n 72, fev 2002. O horizonte da língua bandeirante.

_____, n 72, fev 2002. Partículas gêmeas.

_____, n 89, jun 2003. *Entre passos e rastros*

PERLONGHER, N. *La parodia diluyente*. Entrevista a Miguel Ángel Zapata. *Jornal de Poesia, Banda Hispânica*. [Disponível on-line. In: <http://www.revista.agulha.nom.br/bh6perlongher2.htm>]

PULSIONAL *Revista de Psicanálise*. Tradução e Desconstrução. Ano XV, n 158, jun. 2002

[QUADERNS: Revista de traducció](#), Nº 8, 2002

ROLNIK, S. *Pensamento, Corpo e Devir*. São Paulo: *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, nº 2. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUC-SP, 1993.

ROLNIK, S. *Alteridade a céu aberto - O laboratório poético-político* de Maurício Dias & Walter Riedweg – In: *Posiblemente hablemos de lo mismo*, catálogo da exposição da obra de Mauricio Dias e Walter Riedweg: MacBa, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2003.

SCHWARTZ, J. *Traduzir Borges*. Rev. *CULT* (São Paulo), v. 25, ano III, ago. 1999.

STENGERS, I. 2005. *Résister à Simondon?* Revista *Multitudes*. Disponível on-line. In: http://multitudes.samizdat.net/spip.php?article1574&var_recherche=Resister-a-Simondon

ANEXOS

1) São Paulo, 16 de abril de 2008 / Texto para argüição

Vida hifenizada Traduzibilidade como exercício de individuação

Comentário: **Hifenizado – guionizado em espanhol. Guión é hífen, mas também é roteiro [de filme]**

Todo novo estilo implica não um ‘golpe’ novo, mas um encadeamento de posturas, isto é, um equivalente de sintaxe, que se faz com base num estilo precedente e em ruptura com ele. As melhorias técnicas só têm seu efeito se tomadas e selecionadas num novo estilo, que elas não bastam para determinar. Donde a importância dos ‘inventores’ no esporte, são os intercessores qualitativos.

DELEUZE, Conversações, 2000, tr. br. Peter Pál Pelbart, pp. 164-165.

Primeiro quero agradecer aos integrantes da banca, e dizer que irei acrescentar só algumas palavras ao que se lê na apresentação da tese.

A configuração deste escrito, em ensaios no começo, e depois em blocos ou devires, tem uma conotação de encadeamento Mas também constitui, acredito, uma amostra do exercício de um pensamento itinerante no qual vive mergulhado quem se envolve nesse ato-em-movimento de traduzir.

A tese tem explicitamente essa velocidade de expressão em ritmo de conectividade. Diria que se desenrola num tipo especial de velocidade atlética: as conexões e elos aparecem num ritmo-vertigem que tem, com efeito, muito da hiperconectividade do mundo contemporâneo.

Mas falava de *um encadeamento*, que se apresenta curto-circuitando toda e qualquer conexão linear, cronológica, determinada pela presença de *um texto* a ser traduzido, rasgando assim as continuidades da história como concatenação.

Um enleio, uma trama de conexões em pelo menos dois planos. Um plano é o que diz respeito aos intensos devires que surgem de um encontro de *línguas siamesas*, que se pontilham momentos de viagens-traduições, de ir-e-vir através dessa proximidade paradoxal.

O outro, que aqui eclode como sintaxe louca, no bloco II, vai se tecendo em fios condutores que imantam um dizer próprio, que se determina numa região singular. A traduzibilidade que aí se exerce como ato de pensamento, ato de individuação, nada tem de ferramenta universal. A noção de transdução, coextensiva a esse ato, é colocada para funcionar não para entender todo e qualquer sistema. Mas implica sim, um estado de tensões pre-individuais [Simondon, 2003] que *vai funcionar como uma ferramenta criada para determinado um problema, por uma dupla singularização: é “um” problema, “uma” ferramenta, é um assunto de preferência, de co-adaptação, como insistem Deleuze e Guattari em “O que é a filosofia?* [STENGERS, I. 2005. *Résister à Simondon?* Revista *Multitudes*. Disponível on-line. In: http://multitudes.samizdat.net/spip.php?article1574&var_recherche=Résister-a-Simondon] É um assunto de gosto” (DELEUZE & GUATTARI, QF)

Uma ferramenta colocada a funcionar num encontro dessas línguas siamesas, e que funciona e se intensifica nesse encontro, que potencial tem, se o surgimento dessa própria ferramenta está precisamente nesses encontros paradoxais?

Chamamos de agenciamento-tradutor a esse barquinho de terceira margem que se engendra nesse tipo de encontros. Um agenciamento sempre é coletivo, sempre põe *em jogo, em nós e fora de nós*,

populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. [ZOURABICHVILI, O vocabulário de Deleuze]

O “eu som/são” que aparece no bloco II tem sim, o efeito de inovação no estilo, jamais de inovação sem o caráter de encadeamento multi-causal e multitemporal.

Deleuze e Guattari dizem que o escritor não é um autor. O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para a outra. [Diálogos] E também, que não dá para separar uma língua coletiva e os atos de fala individuais. Isto é válido para a literatura, válido para a música, válido para a individuação: a máquina abstrata não existe independentemente do agenciamento, assim como o agenciamento não funciona independentemente da máquina. (MP II, *Postulados da lingüística*).

Como se engendra um encontro-enleio de estrangeiradas na *própria língua*, mantendo à vista o encadeamento multi-camadas que falamos num começo? Encadeamento que contemple essa agitação de multitemporalidades produzida pelo próprio encontro, donde o valor da memória fica irremediavelmente golpeado pelo ataque do intensivo?

Um exemplo disso pode ser este caso que apresento agora, onde o “escritor anterior” [entre aspas] é o próprio criador da idéia de “escritor anterior”, em se falando de maneiras de traduzir. Há motivos para trazer este caso – são os que eu chamo de *Motivos Borgesianos*:

As Causas

De Jorge Luis Borges. In: [*Historias de la noche*](#), Buenos Aires: Emecé, 1977.

Em português, Damian Kraus.

Os entardeceres e as gerações.
 Os dias e nenhum deles foi primeiro.
 O frescor da água na garganta de Adão.
 O Paraíso ordenado.
 O olho decifrando as trevas.
 O amor dos lobos no amanhecer.
 A palavra. O hexâmetro. O espelho.
 A Torre de Babel e a arrogância.
 A lua que observavam os caldeus.
 As areias infindáveis do Ganges.

Chuag-Tzu, a borboleta que o sonha.
 As maçãs de ouro das ilhas.
 As passagens do labirinto errante.
 O infinito tecido de Penélope.
 O tempo circular dos estóicos.
 A moeda na boca de quem morre.
 O peso da espada na balança.
 Cada gota d'água na clepsidra.
 As águias, a pompa, as legiões.
 César na manhã de Farsália.

A sombra das cruzes da Terra.
 O xadrez e a álgebra dos persas.
 Os rastros das longas migrações.
 A conquista dos reinos pela espada.
 A bússola incessante. O mar aberto.
 O eco do relógio na memória.
 O rei sob o machado do carrasco.
 O pó incalculável onde houve exércitos.
 A voz do rouxinol na Dinamarca.
 A linha meticulosa do calígrafo.

O rosto do suicida no espelho.
 O baralho do jogador. O ouro ávido.
 As formas das nuvens no deserto.
 Cada arabesco do caleidoscópio.
 Cada remorso e cada lágrima.

Foram necessárias todas estas coisas
 Para que nossas mãos se encontrassem.

Poema publicado. In:
http://www.dialogica.com.ar/tropicos/2008/02/motivos_borgesianos.html

2) Exercício no domínio espanhol-português:

“O tradutor, o ‘transcriador’ passa, por seu turno, a ameaçar a ruína da origem; ameaçado pelo silêncio, ele responde, afrontando o original com a ruína da origem. Esta, como eu a defino, como a procuro definir, a última *hybris* do tradutor transpoetizador. Transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução, reencenar a origem e a originalidade através da ‘plagiotropia’, como movimento incessante da ‘diferença’; fazer com que a mimesis venha a ser a produção mesma dessa diferença.’ [Haroldo de Campos, p. 56 da tese]

**Ludilinha
lucidade.**
mi lubidulia
mi golocidalove

Lu tão luz
mi lu tan luz

**que enluzernabisma
- e descentratelura.**
que me enlucielabisma
y descentratelura

**Venusafrodia
que nirvana o céu,**
y venusafrodea
y me nirvana el suyo

**no cruzeiro
das desalmas.**
la crucis los desalmes

Melimeneio.
con sus melimeleos

Eropsiquessedas,
sus eropsiquisedas

decúbito-cipó.
sus decúbitos lianas

Dermisfério limbo.
dermiferios limbos

Luar
mi luar

mito
mi mito

demonoave
demonoave

nume.
dea rosa

Luvisita
ínfima
mi luvisita nimia

lar.
mi lu más lar

Vertigem
das galáxias.
vértigo de galaxias

Lumistério.
de misterio

Lubela.
Luplêiades
Vida.

mi total lu plevida
lumía.

Transcrição do poema "Mi Lumía" de Oliverio Gironde. Damian Kraus.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)